



Jacqueline Silva
42



Nilton Barbosa
56



Mineirinho
36



Morongo
50

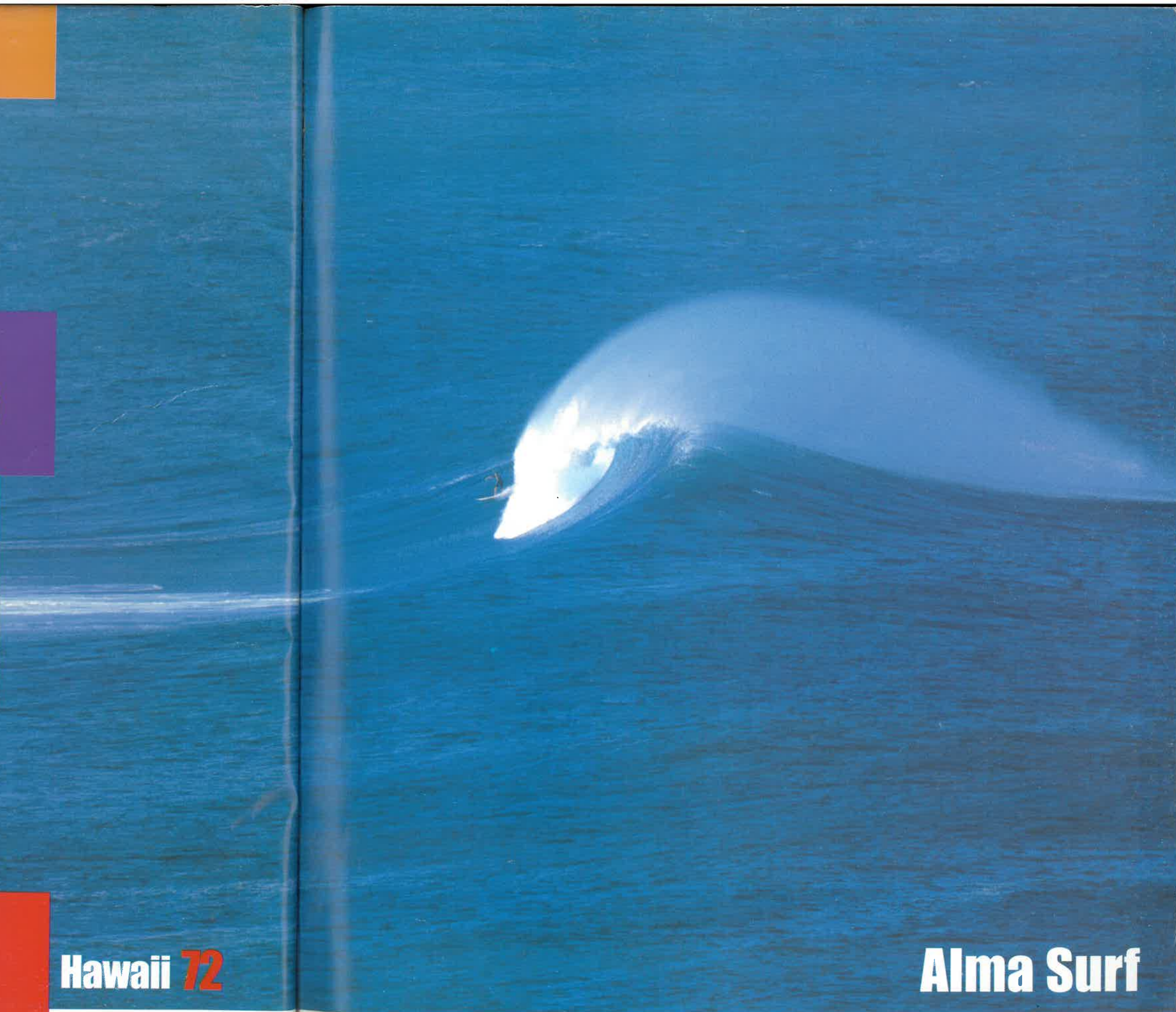


ite
86



Noruega
24

Hawaii
72



Alma Surf

Exceed your limits !!!

rednose.com.br



picture Steven gottreich

Turn your head.....



licensed by Pacific

Monster's Series



Red Nose Monster



Red Nose Dragon



Red Nose Bat



Red Nose Snake

Surf Shops e Sports Shops: (xx11) 3089-4821
Lojas Multimarcas: Pacific Imp. Exp. e Com. Ltda - (xx11) 3337-5121
Red Nose © Xtreme Sports Ltda. All rights reserved.

All designs are trademark registered by Red Nose.

picture Pedro Tollo

MORMAII

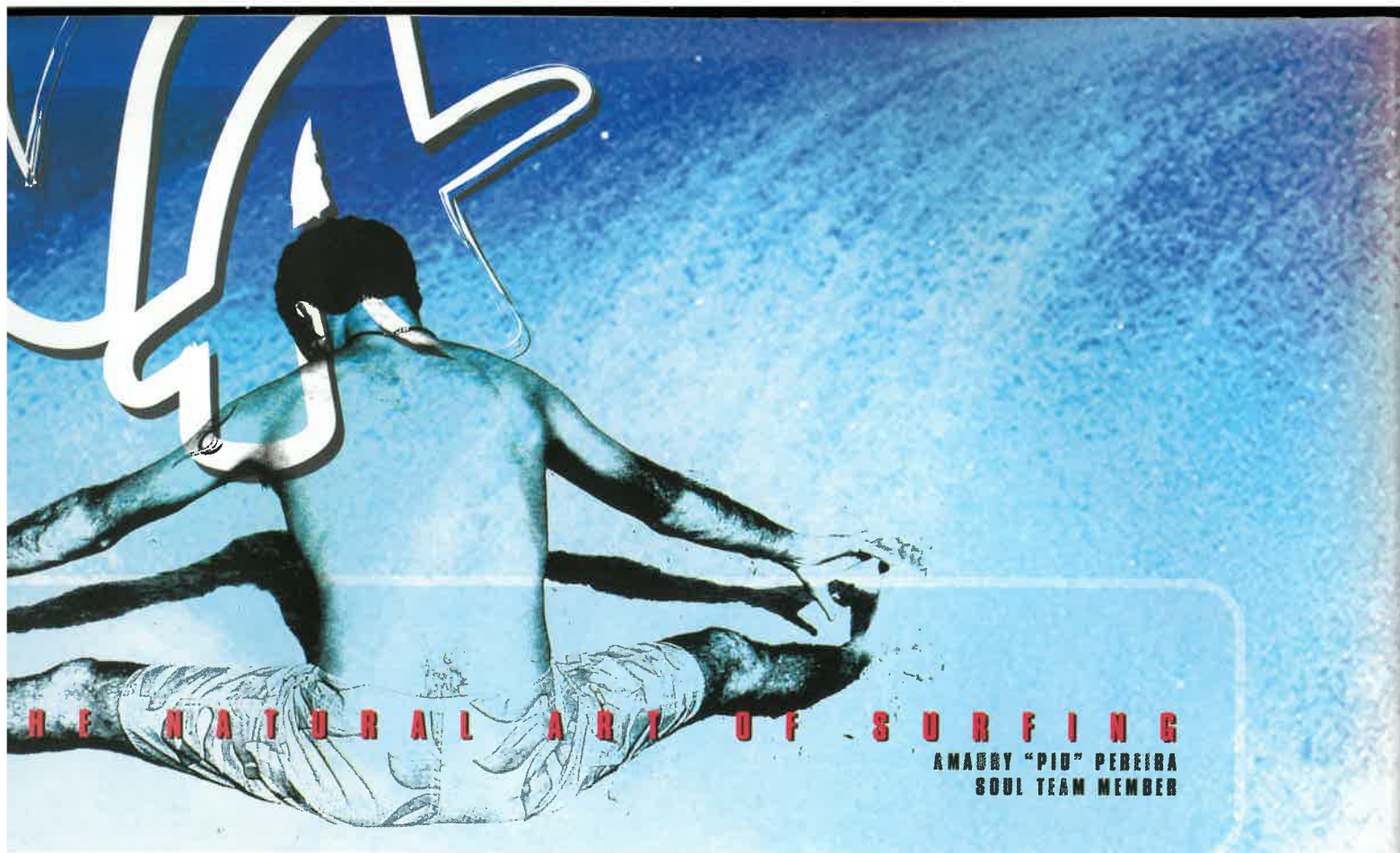
Quality
watches

WWW.MORMAII.COM.BR

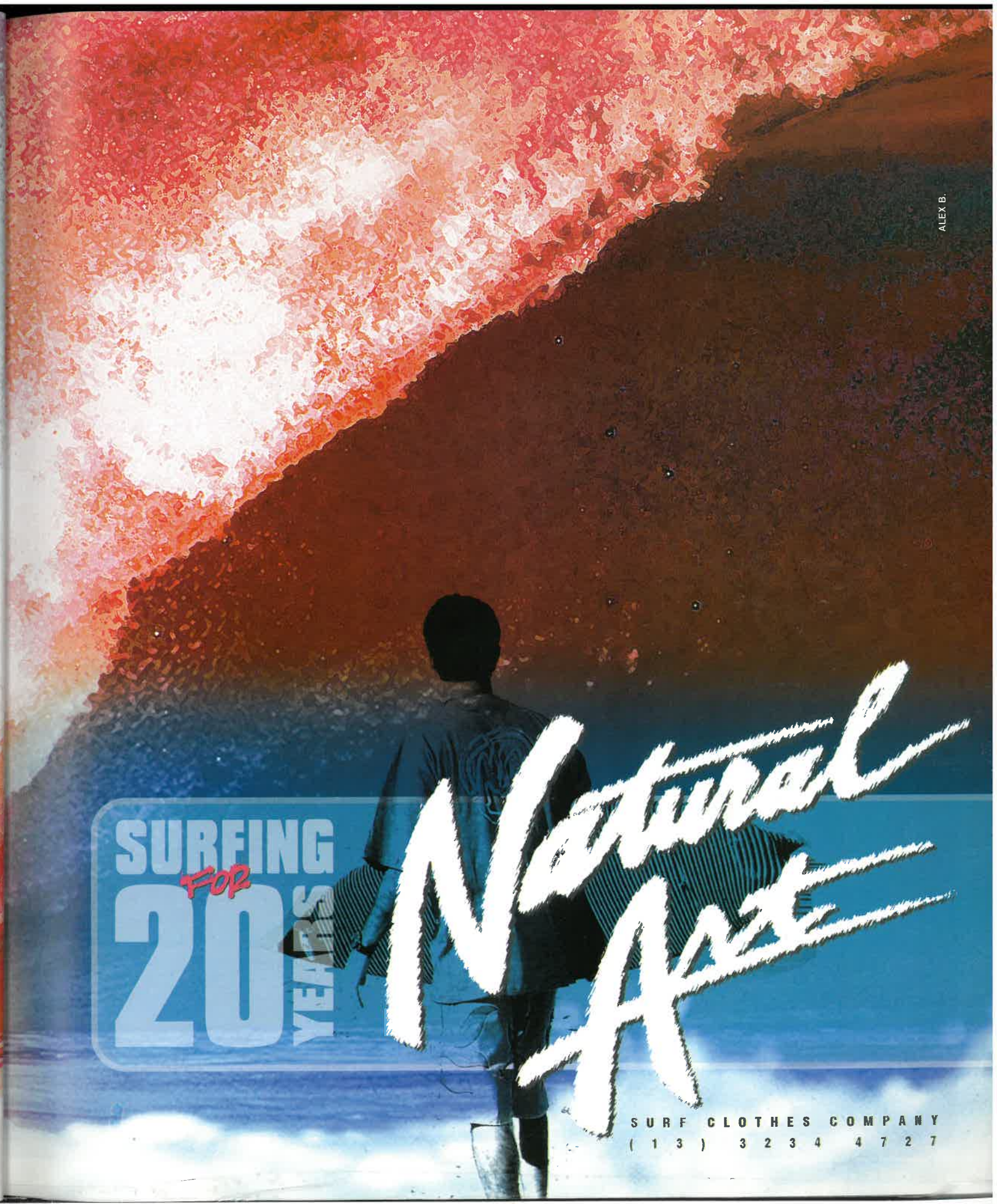
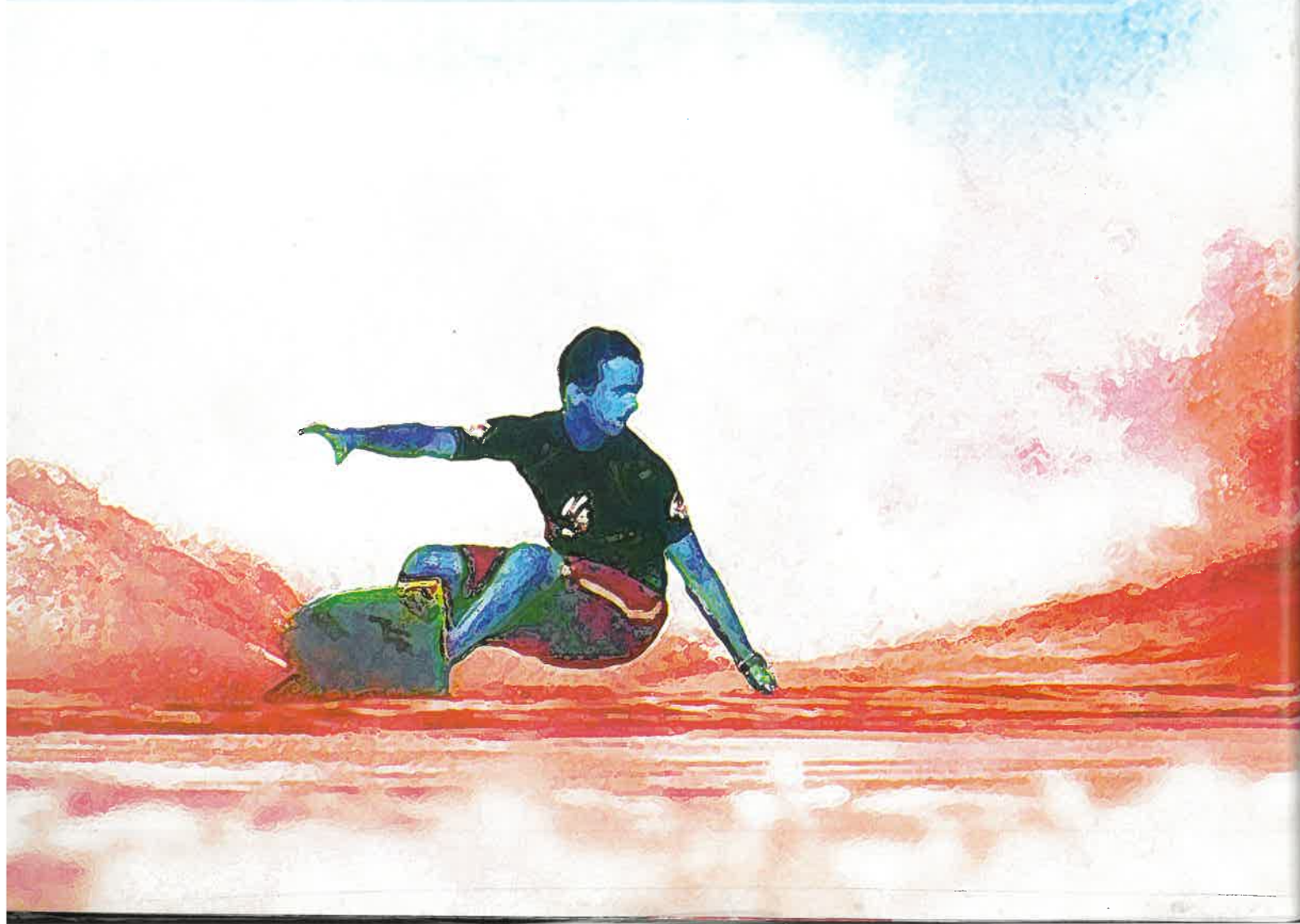


TÂNIO BARRETO
BI-CAMPEÃO BRASILEIRO DE SURF PROFISSIONAL
SUPER SURF SUPER TRIALS

MORMAII



THE NATURAL ART OF SURFING
AMURY "PIU" PEREIRA
SOUL TEAM MEMBER



SURFING
FOR
20
YEARS

Natural
Art

SURF CLOTHES COMPANY
(1 3) 3 2 3 4 4 7 2 7

ALEX B.

1988 - 2003



alemão de maresias e romeu bruno
equipe south to south de
ondas grandes, gigantes...

pedro müller
dadazinho
romeu bruno
alemão de maresias
jhoon jr
lucinei mallas
luiz saratua
guilherme ribeiro
origenes araujo
henaoor araujo
iaçé araujo
jeronimo boffim
guilherme traquilli
luana ribeiro
bruno marques
jano belo

indústria brasileira levante esta bandeira

South to South



romeu bruno - jaws

surf brasileiro é o nosso negócio

southtosouth.com.br



K&W.COM

11 6121 6767

... feel it !!!



MARESIÁ

CRiADA pELA NATurEZA ... forJADA nos OceANoS ... aCARIciADA pELO Sol ... GerADA pelos VentOS ...

aO sAbOR dAS Ondas ... FlutuA NO aR... EvoluRando todAS aS PrAIAs ...

Vocabulário básico dos surfistas.



Prego. Pessoa que não sabe surfar.



Vaca. Tomb feio.



Caixote. Onda que quebra inteira.



Caldo. Ser afogado por uma onda.



Quebra-coco. Onda forte e perigosa.



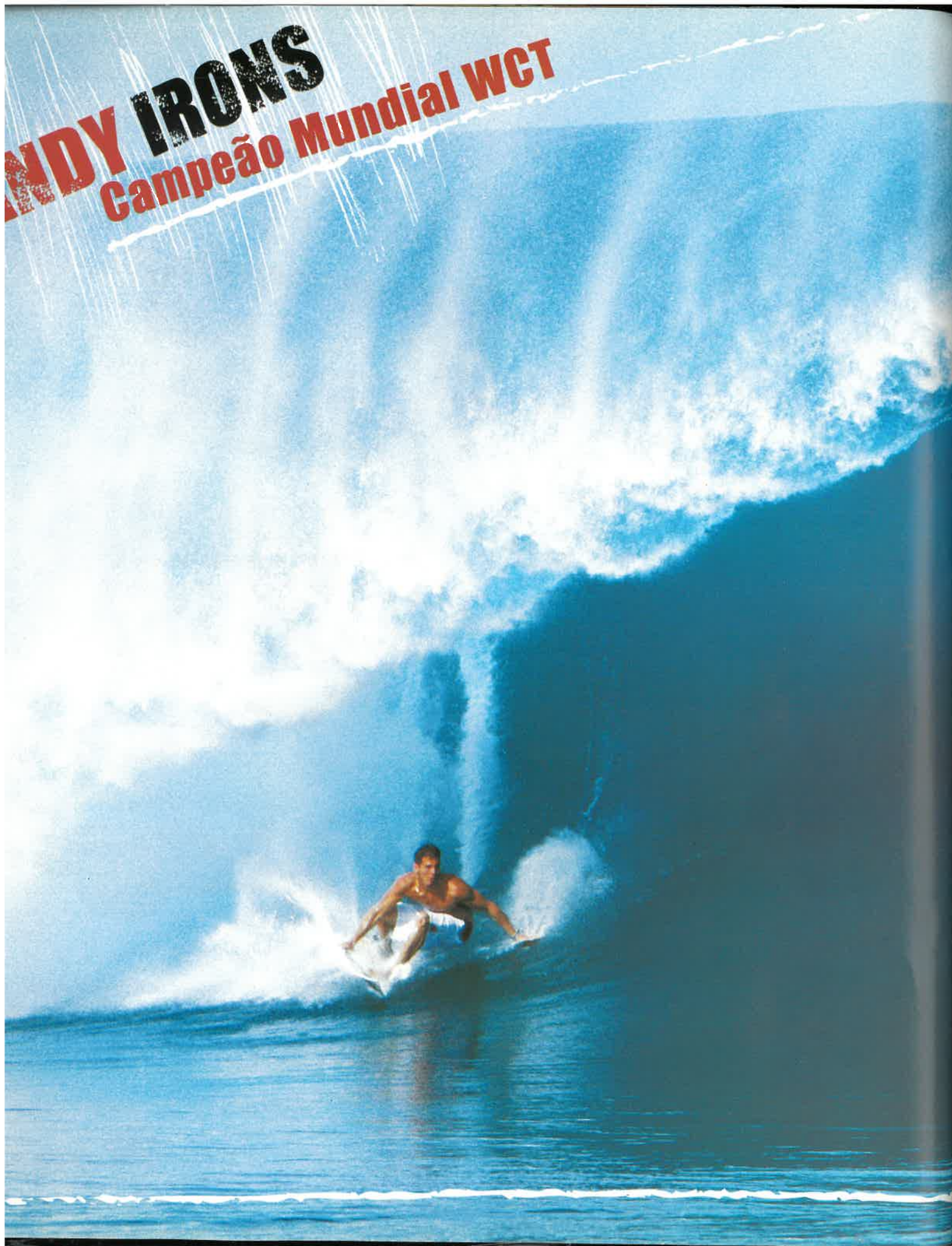
Saveiro SuperSurf. O carro oficial do Circuito Brasileiro de Surf Profissional.



www.vw.com.br

Saveiro





ANDY IRONS
Campeão Mundial WCT



Shane Dorian

BILLABONG
WWW.BILLABONGBRASIL.COM.BR
marketing@billabongbrasil.com.br

UMA MANEIRA DE VIVER

O surf como maneira de viver coloca em dúvida vários conceitos e valores da sociedade ocidental moderna. O engraçado é que não pára de crescer este movimento que nós representamos: roupas, acessórios e equipamentos invadem os lares de todo o planeta, parece aquela coisa dos Sex Pistols ("não aceito mas gosto"), e hoje temos algumas marcas e atletas em todas as mídias e prateleiras, no mundo todo. Estamos diante do maior e mais vigoroso boom de mercado que já conhecemos. Será que estamos preparados para atender a demanda que nós mesmos criamos, ou mais uma vez estamos criando mercado para quem não vive da nossa maneira, na tentativa de que faça o que nós devemos e queremos fazer? Na *Surfer* de fevereiro tem um artigo sensacional. Com o título "Surfin' USA Redux", trata esse assunto com profundidade e maturidade, fazendo mea-culpa de algumas oportunidades perdidas e prevendo o futuro dessas dimensões sem a verdadeira receita do nosso bolo, que é: ESTA MANEIRA DIFERENTE DE VIVER COM SURF. Espero que estejamos todos prontos para novos níveis de mercado, e que tenhamos a consciência de tratar nossa cultura com sabedoria e valorizar a arte como todos os povos prósperos.

Transformar cada vez mais estilo em maneira de viver, acreditar nas nossas origens polinésias e cantar, celebrar e brincar cada vez mais. A sensualidade, a harmonia com a natureza e o amor são traços da genética de um surfista de verdade, um surfista de alma. Surfistas de alma, vivam, curtam, gozem e divulguem a verdadeira maneira de viver o surf. Surfando, lendo, meditando...

Aloha
Romeu

COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL
Maria Dias Carvalho
mcosmmos@uol.com.br

ALMA SURF
Publisher
Romeu Andreatta Filho
romeu@almasurf.com.br

Chefe de Redação
Alberto J. R. Woodward
alwoodward@almasurf.com.br

Projeto Gráfico/Direção de Arte
Fernando Mesquita

Assistente de Redação
Viviane Palladino
viviane@almasurf.com.br

Revisão
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:
Texto
Alexandre Andreatta, Anderson Fornazari, Beto Paes Leme, Bruno Lemos, Craig Jarvis, Eudardo "Rato" Fernandes, Fábio Maradei, José Augusto de Aguiar, Marcelo Szpilman, Talu Bueno.

Fotografia
Agobar Júnior, Beto Paes Leme, Barry Tuck, Bruno Lemos, Francisco Chagas, Flávio Vidigal, Nilton Barbosa, Piere Tostee, Roger Sharp, Sean Davey.

Publicidade
Maria Andreatta
maria@almasurf.com.br
Patrícia Barros
patbarros@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Maria Dias Carvalho
mcosmmos@uol.com.br

Distribuição
Dinap S.A.
Distribuidora Nacional de Publicações

Fotolito
ArtSim
Perfil

Papel
Lumimax

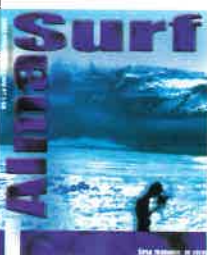
Impressão
Grande ABC

Jornalista Responsável
Alberto J. R. Woodward
MTB 1822

A revista *Alma Surf* é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

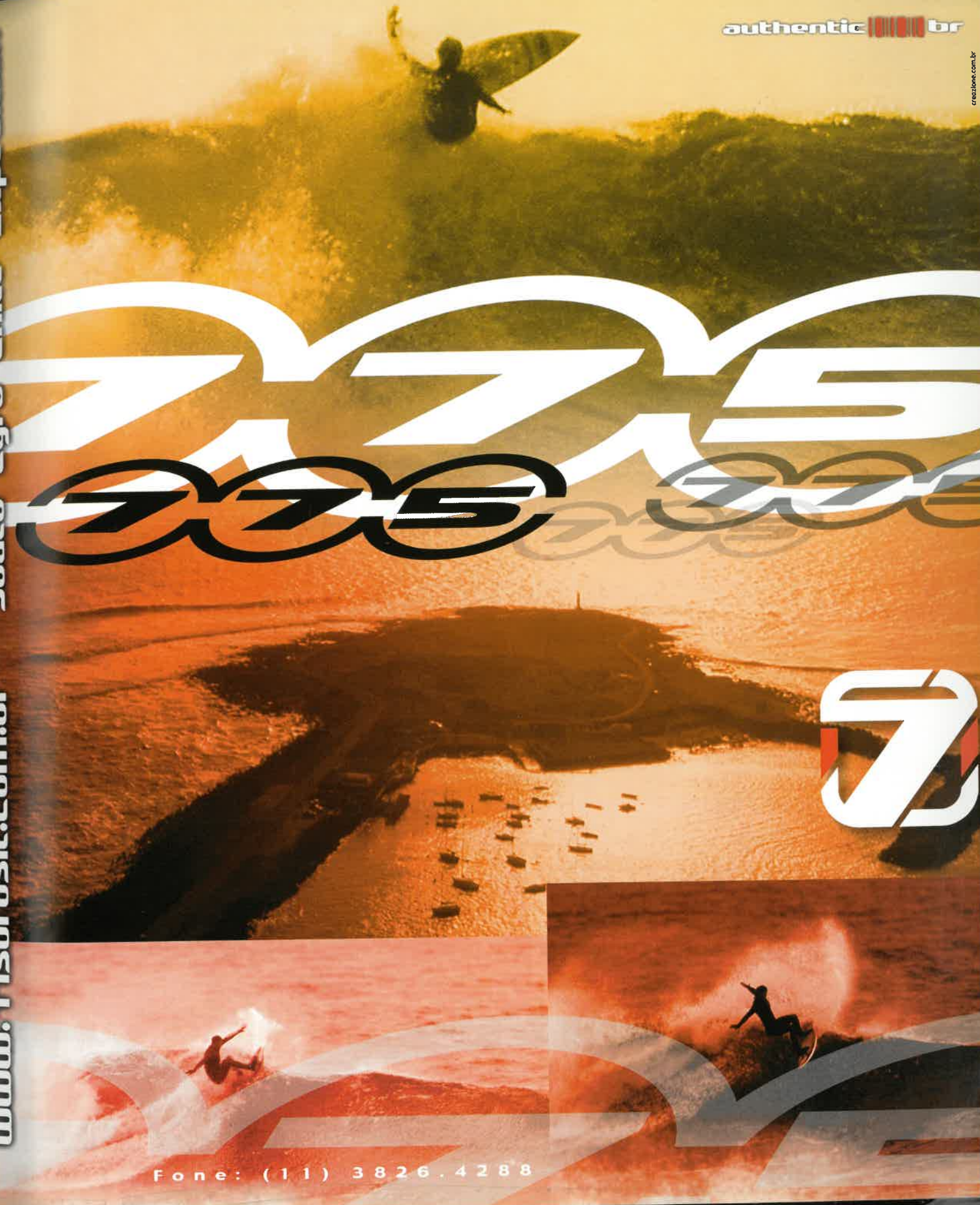
Correspondência:
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
Morumbi - São Paulo - SP
CEP: 05716-060
Telefone: (11) 3744 3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br
www.almasurf.com.br

Para assinar:
(11) 3744 1668
assinatura@almasurf.com.br
tiragem desta edição 30.000 exemplares.



Capa: Pipeline
Foto: Francisco Chagas

www.almasurf.com.br



authentic  br

create.com.br

Fone: (11) 3826.4288

Tubarão

Conhecendo o perigo

Por Marcelo Szpilman

São animais com um design natural tão bem adaptado ao seu meio ambiente que não evoluíram em praticamente nada nos últimos 300 milhões de anos. Graças a uma estrutura corporal fusiforme e hidrodinâmica, provida de excepcional musculatura, os tubarões tornaram-se formidáveis nadadores letais. De fato, muito poucos animais apresentam-se tão bem equipados, com órgãos sensitivos claramente afinados para atender com grande facilidade um de seus principais instintos: buscar, encontrar e devorar suas presas.

História natural - Marinhos, carnívoros e pelágicos, em sua quase totalidade, habitam as águas costeiras e oceânicas, da superfície ao fundo, em praticamente todos os mares e oceanos. Ao redor do planeta são conhecidas cerca de 400 espécies (84 delas no Brasil), cujos tamanhos podem variar de 0,15 a 18 metros de comprimento.

Hábitos e alimentação - Devido a uma voracidade natural, algumas espécies, com maior frequência, atuam e exercem o papel de verdadeiros "lixeiros do mar" ao comerem os animais feridos ou mortos. Entretanto, todas possuem suas preferências alimentares e habitualmente seguem uma dieta regular de peixes, crustáceos, lulas, polvos, tartarugas, raias e outros caçotes. Inclui-se aí o tubarão, considerado "terror dos mares" e "comedor de homens".

Mito - O vasto e misterioso oceano sempre foi e continua sendo um elemento provocador de um medo mítico. Se nos tempos das grandes navegações temiam-se os dragões e os polvos gigantes, os tubarões são, seguramente, os seres marinhos mais temidos e respeitados em todo o mundo moderno. No entanto, sua real periculosidade, em especial no litoral brasileiro, não é tão grande e certa como muitos acreditam ser. Apesar dos frequentes ataques que vêm ocorrendo nos últimos anos no Nordeste brasileiro, os tubarões não são "feras assassinas" como se imagina. Das 400 espécies que habitam os oceanos de todo o mundo, apenas algo em torno de 32 espécies já provocaram, comprovadamente, acidentes com o homem. Dessas, os registros demonstram que somente 15, no litoral brasileiro, são perigosas e realmente podem atacar de forma não provocada.

Desmistificação do ataque - Apesar da irreal imagem assustadora que infundem os filmes sensacionalistas e a imprensa alarmista, a probabilidade de alguém ser atacado por um tubarão é quase desprezível (1/300 milhões). É bem mais fácil ser atingido por um raio (1/1 milhão). Estatisticamente falando, tem-se de 30 a 40 vezes mais chances de morrer atingido por um raio do que por um tubarão. Nos EUA, ocorrem por ano 352 acidentes com raios, com 94 mortes (comparados a 40 ataques por ano, com uma morte). No Brasil, a cada ano, 150 pessoas morrem em consequência dos raios. Na Austrália, as árvores de Natal matam muito mais do que os tubarões. Para a maioria das pessoas, a interação (encontro) entre o homem e o tubarão, fator preponderante para a ocorrência de um ataque, só acontece quando elas estão nadando ou surfando nas águas costeiras. Do ponto de vista estatístico, as chances de um trauma ou morte nessas áreas é infinitamente maior para várias outras causas, como afogamento, infarto do miocárdio, desidratação e acidentes com outros seres marinhos, do que para o ataque de tubarão. Por mais incrível que possa parecer, morrem mais pessoas atingidas na cabeça pelos cocos que caem dos coqueiros nas praias. Dentre os animais selvagens que mais atacam o homem em todo o planeta, o tubarão situa-se apenas em sexto lugar. Bem atrás das cobras, crocodilos, abelhas, hipopótamos e elefantes. No Brasil, cerca de 20 mil pessoas são anualmente atacadas por cobras peçonhentas, resultando em uma média de 100 mortes. Pode-se argumentar que é preciso estar no ambiente desses animais selvagens para ser atacado. O argumento é válido, mas não se aplica aos cachorros domésticos que vemos todos os dias nas ruas das cidades. Só nos EUA, 4,5 milhões de pessoas são atacadas a cada ano por cachorros. Em consequência das mordidas, 334 mil são atendidas nos hospitais e 20 morrem. Apenas em 1997 houve 114 mil casos demordidas e mutilações, com algumas mortes, em São Paulo e 12.952 atendimentos anti-rábicos no Rio de Janeiro.

Tipos de Ataques - Existem três tipos básicos de ataques não provocados, descritos a seguir.

Ataque do tipo "golpear e correr" - É o tipo mais comum e costuma ocorrer nas zonas de arrebentação com banhistas e surfistas. A vítima raramente consegue ver seu agressor, e o tubarão não costuma retornar após infligir uma única mordida ou ferida na pele. Possivelmente, na maioria das vezes, esses ataques são provocados por um erro de identificação que pode ocorrer sob condições de baixa visibilidade ou em ambientes de água agitada. Suspeita-se que, ao morder, o tubarão rapidamente identifica que o homem é um objeto estranho, ou muito grande, e, tão rápido como mordeu, solta sua vítima e não retorna mais. As lesões provocadas por este tipo de ataque costumam limitar-se a pequenas lacerações, com maior frequência nas pernas, abaixo do joelho, que raramente provocam fatalidades. O cabeça-chata é um dos grandes envolvidos nesse tipo de ataque, especialmente no Nordeste brasileiro.



foto Barry Tuck

Cação Limão

- Negaprion brevirostris
família: carcharhinidae(C3)



Tinturera

- Galeocerdo Cuvier
família: carcharhinidae(C3)



Tubarão azul

- prionace glauca
família: carcharhinidae(C3)



Ataques dos tipos "bater e morder" e "furtivo". Ainda que menos comuns, costumam resultar em grandes lesões, que provocam a maioria das fatalidades. Esses tipos de ataque envolvem banhistas, nadadores e mergulhadores em locais com maior profundidade. O tipo "bater e morder" se caracteriza por nados em círculos ao redor da vítima, com freqüentes batidas antes do ataque para morder. O tipo "furtivo" se diferencia por não dar avisos ou sinais antes do ataque. Em ambos os tipos, ao contrário do padrão "golpear e correr", são comuns ataques repetidos, com mordidas múltiplas e prolongadas, pois o objetivo é claramente a alimentação. Duas espécies são provavelmente as responsáveis por grande parcela desses ataques: o tubarão-branco e a tintureira. O cabeça-chata às vezes também pode se envolver nesse tipo de ataque.

Ataques no litoral brasileiro. O ataque de tubarão ao homem, na maioria das regiões costeiras do mundo, é um evento considerado raro. Todavia, não pode ser descartado. Devido a circunstâncias especiais um erro de identificação ou mesmo a fome vencendo o medo natural que o tubarão tem do homem - o ataque a um surfista ou banhista pode acontecer. De 1920 a 2002, foram registrados um total de 91 ataques com 24 mortes no litoral brasileiro (26% de fatalidades). No mundo todo, são registrados cerca de 90 ataques por ano, sendo 12 fatais (13% de fatalidades). Quando se estuda ou se tenta compreender o que tem motivado os ataques em nosso litoral, é preciso separar e classificar as informações registradas em função da época em que ocorreram, do local onde aconteceram e do tipo de alvo ou vítima envolvida. A seguir, são apresentadas as estatísticas que consolidam os 91 ataques não provocados em nosso litoral, ao longo de 82 anos (entre os anos de 1920 e 2002). A análise desses dados, reunidos por meio de gráficos estatísticos, permite-nos ter uma visão mais ampla dos fatos. Ao tecer comentários, procuramos formular algumas explicações interessantes. Ainda assim, não passamos de tentativas de explicar as causas reais para o aumento crescente dos ataques.

FATO 1 - Nunca houve tantos ataques quanto na década de 90.

Estatística: 55% dos ataques ocorreram na década de 90. **Comentários:** a partir das décadas de 70 e 80, houve um significativo e inegável aumento no número de ataques de tubarão em nossa costa. Na década de 90 esse número "explodiu". **Explicações:** ainda que possa parecer óbvio, sabemos que o fator preponderante para a ocorrência de um ataque é justamente o encontro entre o tubarão e o homem. Não é por outra razão que as espécies potencialmente perigosas são aquelas de hábitos costeiras. Ao analisar as causas que favorecem esse contato, que na verdade pode ser ocasionado por diversas razões, constatamos que dois principais fatores contribuíram fortemente para o aumento considerável desses encontros. A diminuição na oferta de alimento disponível no mar: o grande crescimento da população e a crescente ocupação das zonas costeiras, a partir da década de 70, com a consequente intensificação da degradação ambiental e da pesca predatória nos últimos anos, têm provocado a escassez gradativa de alimentos para a vida marinha. Para o tubarão, a consequência natural desse evento foi a necessidade de ter que procurar alimento em outras áreas. O aumento das atividades de lazer no mar: a popularização dos esportes náuticos, especialmente o surf, nas décadas de 70 e 80, favoreceu um aumento considerável na quantidade de pessoas que elegem as áreas litorâneas como principais áreas de lazer. Essa foi, na verdade, uma tendência mundial. Em 1985, as estatísticas do Arquivo Internacional de Ataques de Tubarão apontavam

foto Barry Tuck.



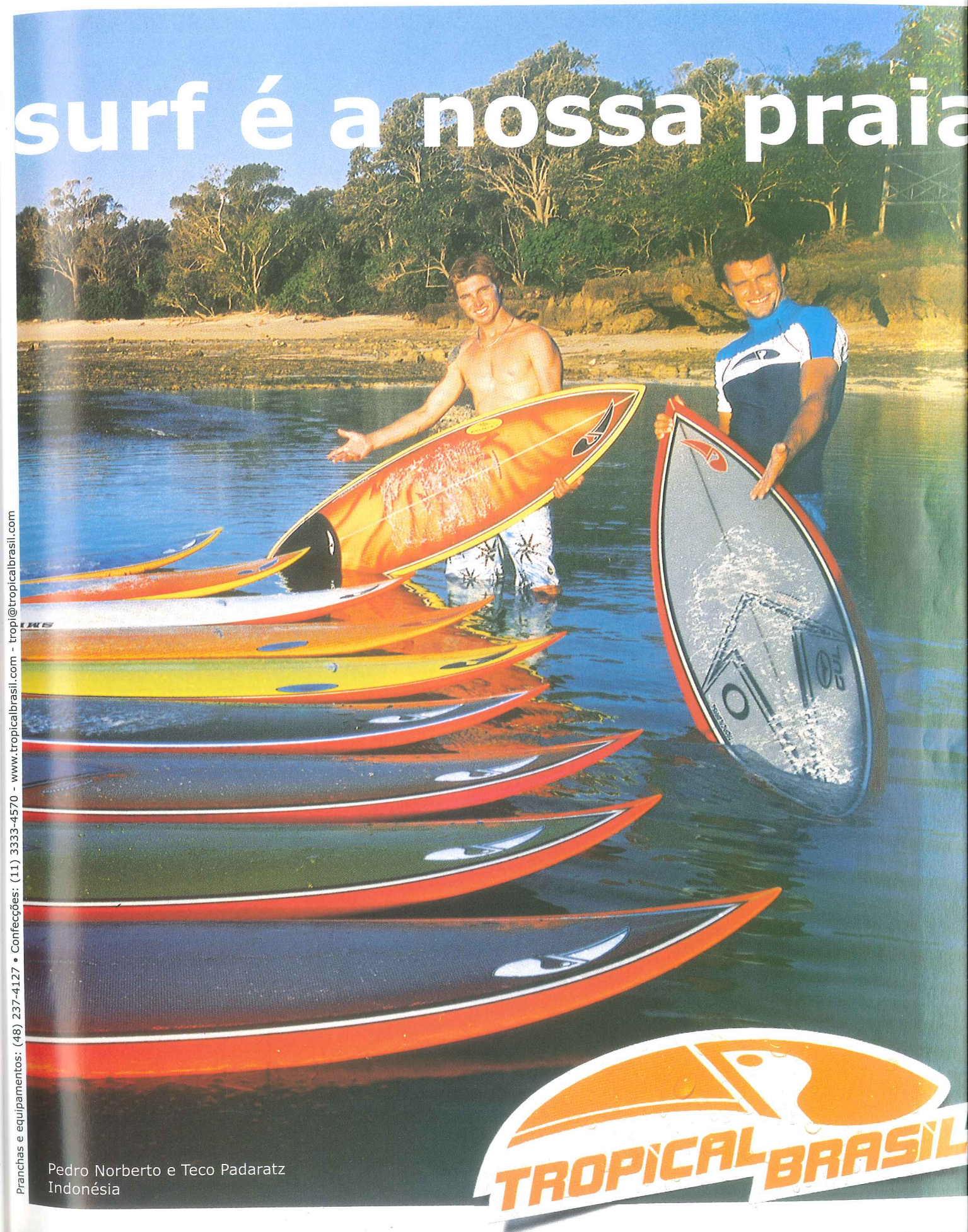
30 ataques ao ano no mundo. Em 1995, esse número subiu para 71 casos e em 2000 aumentou para 85 ataques por ano. Com exceção da Austrália, que implementou um trabalho de prevenção muito bom a partir da década de 70, todas as estatísticas mundiais mostram que com o crescimento da população houve também um aumento no número de ataques.

FATO 2 - O estado de Pernambuco detém o recorde de ataques

Estatística: 46% dos ataques ocorreram no litoral pernambucano. **Comentários:** há uma gritante diferença entre o número de ataques no estado de Pernambuco e nos demais estados do país. No ranking mundial de ataques computado entre 1990 e 2002, o estado de Pernambuco, com 38 pessoas atacadas, só perde para o estado da Flórida, nos Estados Unidos, que registra o primeiro lugar, com 296 pessoas atacadas. No entanto, se formos considerar o número de fatalidades ou a extensão da área envolvida, Pernambuco detém o recorde mundial nos dois quesitos. Ali, os 38 ataques produziram 13 mortes (34%), enquanto nos 296 ataques ocorridos na costa da Flórida houve

somente 3 fatalidades (1%). Todos os ataques em Pernambuco ocorreram em uma faixa litorânea de apenas de 20 quilômetros. Já o litoral da Flórida envolvido tem 1.750 quilômetros de extensão. **Explicações:** considerando que os ataques em nosso litoral são absolutamente raros, deve haver razões plausíveis para explicar o porquê desse número desproporcional de ataques repetidos no litoral pernambucano. Ainda que não seja possível apontar com certeza apenas uma causa, sabemos que alguns fatores que levam a esses ataques, quando conjugados, favorecem os acidentes. A ocorrência de espécies agressivas nas regiões Norte e Nordeste: áreas com ocorrência de espécies comprovadamente agressivas envolvem grande perigo para as pessoas que resolvam correr riscos. Os especialistas apontam duas espécies como as prováveis causadoras desses ataques aos surfistas e banhistas no litoral pernambucano: a *Carcharhinus leucas* (cabeça-chata) e a *Galeocerdo cuvier* (tintureira). Esses tubarões são realmente bastante agressivos e não costumam escolher muito seu cardápio. Atacam, "provam" e comem o que aparece em seu caminho. O aumento no número de surfistas: ao contrário do que muitos poderiam pensar - por que, de repente, os tubarões estariam atacando, ainda mais quando isso nunca foi muito comum no litoral brasileiro? -, não são os tubarões que só agora estão atacando, e sim os surfistas, que começaram, nos últimos anos, a freqüentar com maior intensidade as praias do litoral pernambucano. Os tubarões, por sua vez, sempre estiveram lá. Na verdade, há milhões de anos. A degradação ambiental da região: os efeitos retardados da degradação e do desequilíbrio ambientais provocados pelo homem com a sobrepeca e o aterro dos manguezais, principais fornecedores de nutrientes para a cadeia alimentar costeira, conjugados com a descarga de esgotos in natura nos mares, podem estar favorecendo a maior concentração de tubarões junto à costa, à procura de comida, principalmente na região metropolitana de Recife, PE. O porto de Suape: com a construção do porto de Suape, em Recife, a partir de 1992, além da degradação ambiental em uma área original de manguezais, houve também, com o aumento do tráfego de navios, um estímulo para o aumento da agressividade dos tubarões da região- os dejetos dos navios, jogados ao mar, atraem os tubarões para a

Pranchas e equipamentos: (48) 237-4127 • Confecções: (11) 3333-4570 - www.tropicalbrasil.com - tropi@tropicalbrasil.com



Pedro Norberto e Teco Padaratz
Indonésia

região do porto, para daí migrarem para as praias próximas. A topografia submarina da região: em determinadas regiões do litoral nordestino a topografia submarina pode atrair naturalmente os tubarões de grande porte. Existem canais submarinos profundos que passam próximo às praias de Recife. Ao entrar em um desses canais, que o animal utiliza como área de circulação, a possibilidade de o tubarão, em sua procura por alimento, encontrar um surfista ou um banhista aumenta consideravelmente. A influência sazonal na região: a vazão dos rios e o regime de chuvas das regiões Norte e Nordeste, fatores de influência sazonal, alteram a salinidade da água do mar, o que pode atrair ou afastar o tubarão da costa. A maioria dos tubarões de grande porte tem preferência pelas águas com alta salinidade, o que ocorre na estação da seca (época que vai de outubro a fevereiro).

FATO 3 - Os surfistas são o principal alvo dos ataques

Estatística: 40% dos ataques ocorreram com surfistas. **Comentários:** os surfistas são as principais vítimas dos ataques, seguidos muito de perto pelos banhistas, especialmente os nadadores. **Explicações:** na verdade, esse fenômeno não ocorre somente no Brasil. Em todo o mundo, a partir do final da década de 70 e início da de 80, os surfistas passaram a ser os mais atacados pelos tubarões. Existem algumas hipóteses para explicar tal "preferência". Tipo e tempo de exposição: os surfistas permanecem muito mais tempo na água e costumam ficar esperando as ondas nos locais mais fundos (com mais de 2 metros de profundidade). Semelhança de movimentos e vibrações: os movimentos dos surfistas, ziguezagueando e furando as ondas, se parecem com os dos peixes de grande porte. Já as vibrações geradas pelos movimentos de suas pernas e seus braços dentro da água, além de despertarem certa curiosidade, podem ser confundidas com as vibrações de um animal ferido ou doente. Semelhança visual: existe uma teoria, comprovada pelos americanos para o tubarão-branco, que sugere que os tubarões podem confundir um banhista nadando ou um surfista remando com uma de suas presas habituais. Visto de baixo, o tubarão vê uma silhueta escura contra o sol e pode ser levado a acreditar estar diante de um animal marinho. Erro de identificação: os surfistas deixam parte dos pés, pernas e braços para fora das pranchas, dentro da água. O contraste de tonalidades (bronzamento) entre a perna e a sola do pé e entre o braço e a palma da mão dos surfistas e banhistas nadadores pode, no ambiente turbulento das zonas de arrebentação ou nas águas mais turvas, provocar uma confusão visual que leva a um erro de identificação. Essa hipótese é reforçada pelo fato de que na maioria dos ataques aos surfistas há o envolvimento de apenas uma mordida em uma extremidade do corpo. Os tubarões, ao sentirem que sua presa não é o que esperavam, pela textura e pelo sabor da carne, costumam soltar sua equivocada vítima. Como, infelizmente, uma "provadinha" do tubarão costuma significar uma boa perda detectada, se a vítima não for salva a tempo, pode acabar morrendo devido à seqüência de eventos: hemorragia, choque e afogamento.

FATO 4 - Os índices de fatalidade dos ataques no Brasil são os mais altos do mundo

Estatística: 38% dos ataques em Boa Viagem (Recife-PE) são fatais. **Comentários:** os índices de fatalidade no estado de Pernambuco e na praia de Boa Viagem são muito mais altos do que a média nacional de 26%. Comparada com a média histórica internacional, que é de 13%,



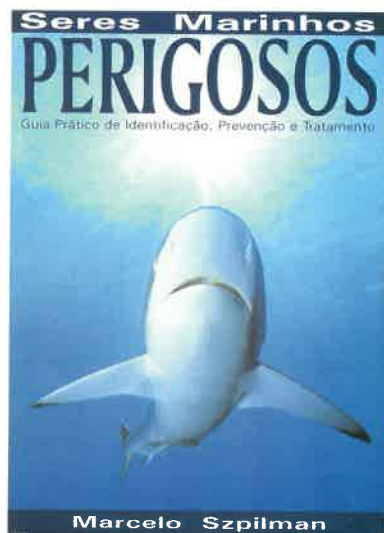
Tubarão-branco, terror dos mares



Cabeça-chata, terror dos nossos mares

no litoral norte-americano (296 ataques com três mortes, de 1990 a 2002). No entanto, os índices de fatalidade nos EUA e na Flórida (2% e 1%, respectivamente) são bem menores do que no Brasil. Por que tamanha diferença? Será que o tipo de ataque é muito diferente? Será que o resgate e o atendimento às vítimas de ataque são muito mais eficientes a ponto de evitar as fatalidades? África do Sul: como nos EUA, ocorre aí um número maior de ataques do que a média, mas o índice de fatalidade é bem menor. Austrália: ainda que tenha menos ataques, possui um índice de fatalidade semelhante ao do Brasil. Lá, porém, existem os ataques dos temidos tubarões-brancos. As chances de sobreviver ao ataque de um tubarão-branco são ínfimas. Isso faz com que o índice geral de fatalidade seja elevado. Assim, é mais provável que parte da explicação do porquê do alto índice de fatalidade no Brasil esteja no próximo fato.

FATO 5 - Os banhistas são os que mais morrem em Pernambuco **Estatística:** 75% dos ataques a banhistas em Pernambuco são fatais. **Comentários:** o índice de fatalidade entre os banhistas no estado de Pernambuco é incrivelmente alto. Para cada quatro banhistas atacados nas praias pernambucanas, somente um sobrevive. No litoral brasileiro, o índice de fatalidade de 26% significa, como ocorre com as vítimas atingidas por raios, que, para cada quatro pessoas atacadas, três sobrevivem. De 1990 até 1998, 30 pessoas (com 10 fatalidades) foram atacadas em Pernambuco. Dos 23 surfistas atacados, apenas três morreram. Dos sete banhistas atacados, sete morreram. Ou seja, todos os banhistas atacados morreram. **Explicações:** ainda que se possa imaginar ser uma enorme coincidência, existem algumas teorias que tentam explicar esse fenômeno. O tipo de exposição: os banhistas que se aventuram nas águas menos rasas, normalmente para praticar natação, costumam estar sozinhos. Como se sabe, sozinho, o banhista torna-se o alvo principal e pode encorajar um ataque. Ao ser atacado estando sozinho, ainda que esse ataque produza apenas uma mordida, não conta com a ajuda de um companheiro para efetuar o socorro imediato e removê-lo da água, o que facilita a ocorrência da fatalidade, muitas vezes por choque e afogamento. A falta de uma prancha: o surfista, mesmo estando sozinho, possui uma prancha de fibra com boa flutuabilidade. A prancha permite que o surfista mantenha a cabeça fora da água, evitando o afogamento, e facilita muito não só o socorro prestado por terceiros, como também uma rápida fuga do local e a saída da água, a tempo de evitar novos ataques e controlar o sangramento. Tipo de alvo e de ataque: ao contrário dos surfistas, como já foi mencionado nas hipóteses do fato 3, os banhistas estão normalmente com quase todo o corpo dentro da água, e seus movimentos e vibrações são diferentes. Isso leva a crer que muitas vezes o tipo de ataque empreendido pelo tubarão ao banhista é diferente no propósito. Não costuma haver erro de identificação. O objetivo do ataque é realmente para fins de alimentação, e, nesses casos, conseguir sobreviver é muito mais improvável.



Marcelo Szpilman é biólogo marinho, pós-graduado em Meio Ambiente, editor e redator do Informativo do Instituto Ecológico Aqualung e diretor-gerente do citado Instituto. Mergulhador há mais de 29 anos, é ainda autor do GUIA AQUALUNG DE PEIXES - Guia Prático de Identificação dos Peixes do Litoral Brasileiro, SERES MARINHOS PERIGOSOS Guia Prático de Identificação, Prevenção e Tratamento, PEIXES MARINHOS DO BRASIL - Guia Prático de Identificação.



Vida Marinha

BASICAMENTE SURF

products

WATA/O3A

(48) 462-0788 vidamarinha@vidamarinha.com.br

Noruega



Por Craig Jarvis Fotos Roger Sharp

Cool Surf

Um drop no círculo Ártico

"Não. Nós não vamos utilizar a estrada. É uma via particular. Temos que escalar", disse Thomas, nosso guia. A montanha à nossa frente era íngreme. Tinha neve no topo, mas aqui, onde estávamos, na base, fazia cerca de 30 graus, e estávamos suando. Seria uma longa e cansativa escalada. Com pranchas, vestes, botinas, luvas, capacete, protetor solar e água.

Depois de mais ou menos 20 minutos, eu estava louco para desistir. A única razão pela qual não largaria era Teasha (namorada de Joe Currens), que estava indo muito bem e ainda subia com força. A afronta de ter uma loira jovem mandando bem e eu fazendo a caminhada da vergonha e quase voltando atrás seria demais pra mim. E tomei coragem! A vista do topo era de tirar o fôlego, embora não houvesse mais fôlego. Estávamos imersos num gigante (Jarvis refere-se a uma pequena depressão no topo da montanha). Uma colina avermelhada, repleta de pedras e rebanhos de cabras. Mais abaixo podíamos ver um cantinho de praia e algumas pequenas ondas quebrando numa bancada de pedras. Dali, ficava difícil sacar, mas eu tava na esperança de que elas fossem muito pequenas e a galera lá embaixo resolvesse começar a voltar. Uau! Eu cortaria metade da distância desse passeio infernal. Estava exausto. Minha dieta norueguesa de cigarros, moonshine* (um tipo de cerveja local de baixa qualidade) e snus* (um fumo também da região) se mostrava inconveniente, mas o pior ainda estava por vir. Ao longe, eu podia ver alguns malucos levando aquele lance a sério. "Bem, já que viemos tão longe, temos que descer", disse Teasha, e meu destino foi selado. A um quarto da descida, algo muito bizarro aconteceu. Eu parei de tomar fôlego e comecei a prestar atenção nos caras lá na praia. Eles estavam muito pequenos. Parecia que o caminho seria longo, então resolvi parar de embaçar. E vi mais alguns do nosso grupo que se encontravam na metade da descida daquela traiçoeira e sinuosa trilha; eles pareciam menores do que os caras que estavam na base da montanha! Não, não pode ser! Os caras que estivessem mais longe, logicamente, estariam menores do que as pessoas mais próximas, certo? Não existe uma lei natural para essas coisas? Olhei novamente, focando na galera da base da montanha e não colocando os outros na minha linha de visão. Então, eu me virei e olhei para aqueles que estavam duas vezes à frente. Ei, aconteceu de novo! Os caras que estavam na trilha ainda pareciam menores do que os de lá de baixo. É uma ilusão de óptica chamada pelos esquimós da Noruega de "Fata Morgana*". Depois, falo mais disso também. Finalmente, chegamos ao fim, a uma praia chamada Whale Bay. Tem esse nome porque antigamente as baleias costumavam brincar aí antes de serem assassinadas e transformadas em sanduíches (de gordura de baleia, argh!), e as ondas, nessa época, tinham um bom tamanho. Bem, já que chegamos tão longe... remei rápido para o outside naquela água gelada e brinquei por mais ou menos uma hora em algumas direitas pequenas. Mark Phipps, o australiano (ou simplesmente Phippsy, o aussie), e eu tivemos a primeira de muitas baterias, e o surfista e shaper australiano me bateu, apesar de eu ter feito uma terceira onda muito razoável. No entanto, o trio americano - Joe, Teasha e Danny "Manchild" Nichols - nem se preocupou em remar, e eu declarei minha vitória silenciosa sobre o WO deles. A subida de volta foi árdua, o ar estava rarefeito e o suor emanava do nosso corpo livremente. Pelo menos, tínhamos surfado um beachbreak lá no círculo polar Ártico.



Noruega



Foi um vôo longo e arrastado e, depois, um vôo curto e um outro rápido. Então, pegamos os carros e enveredamos por outro caminho. Pensávamos que estávamos indo para uma balsa a uns 20 minutos dali. Viraram 3 horas e meia de viagem, antes de embarcarmos. Diversão, jogos e a barreira do idioma ultrapassada. Cansados e um pouco sonados, mas pelo menos conseguimos manter os motoristas acordados. No meio da viagem de balsa, vimos o céu começar a ficar verde, tornar-se azul e, em seguida, virar fluorescente! Todo o céu iluminou-se com nuvens e turbilhões verdes. Foi uma paisagem alucinante. A aurora boreal, ou luzes do norte, é algo simplesmente maravilhoso. Algumas pessoas vêm à Noruega e esperam meses apenas para ver isso e não conseguem - e nós conseguimos na primeira noite. Show! Os sinais eram bons. Lá vamos nós! Para chegarmos ao nosso destino inicial, ainda tinha um longo e oneroso processo, mas tínhamos uma galera legal no programa. Noruegueses. No começo eles pareciam muito sérios e formais, a toda hora estressando e pirando. Nunca sorrindo. Minha primeira impressão foi que os piores e mais frios invernos faziam parte da rígida personalidade deles. A língua também parecia gutural e forçada num primeiro momento. Diretos e exigentes, pareciam estar continuamente ordenando e dizendo às pessoas o que fazer, sem "por favor" ou "obrigado". Mas a minha impressão logo mudou. Os noruegueses são divertidos. Seu humor é sutil, e, como mencionei anteriormente, eles

comercializam sanduíches de gordura de baleia tostada. Os surfistas que conhecemos fizeram-nos rir... As esquerdas estavam com dois pés nos picos e o vento, maral. Lá fora, congelante. Os locais deram uma olhada, puseram as vestes e subiram nas rochas para cair no line-up. Na real, tinha algumas ondas, e ficamos contentes quando Thomas e Lars pegaram umas. Alguns reconsideraram, mas estávamos ali para ondas de verdade e não por qualquer merda. O dia seguinte ficou flat. Estávamos entocados há uma semana, sem surf, com tempo muito frio, enjoados da cabana e cansados de jogar playstation. Escutamos algumas seleções de músicas um tanto quanto ecléticas de Joe. Havia uma porrada de caras na trip. Josh Ash, da Inglaterra; Thomas e Lars, da Noruega; Chris, um skatista norueguês; Phippsy, da Austrália; Joe, Teasha e Pickles, dos Estados Unidos, e Eric Rebiere, da França (mas na verdade do Brasil). Além desses, havia Lucas, o "come-quieto", da França (sempre na espreita). Um bando de surfistas empolgados, com alma, estilo, a estupidez própria da juventude e humor. Todos tinham um senso de humor forte. Graças a Deus. Quando o clima entre as pessoas na cabana começava a pesar, todos nós procurávamos ver o lado divertido da coisa. Mais um dia e... flat. O mar parecia uma represa, lisa e muito fria. Sem ondas. Sem marolas. Paisagens deslumbrantes em todos os lugares, mas nada de swell. Um pouco mais ao sul, o WCT português seria cancelado, e a internet estava definitivamente imprecisa. Ainda demos uma volta e imaginamos todos aqueles cenários, as pessoas... Um maral uivante trouxe algumas ondas para a direita. Phippsy estava em todas - provando que realmente é preciso surfar para entender as pranchas que faz. Foi outra bateria de australiano versus sul-africano, e eu acabei lavando a pior de novo. Phippsy pegou um tubo e arrancou algumas batidas grandes naquelas boas direitas, e eu recuei na onda do dia. Para mim, estava parecendo uma fechadeira. Deixa pra lá. Joe e Knuckles detonaram na última seção furiosamente, enquanto as ondas arrebentavam na praia. Uma boa brincadeira, mas muito calma ainda, três pés, direitas marais, não eram exatamente o que estávamos esperando. No dia seguinte, entrou um vento forte vindo do alto-mar. Dessa vez, com uma peculiaridade diferente na direção, e as esquerdas chegaram. Pesadas, irregulares e marais, apenas dando chance nos intervalos. Eric e Lurk-Ass estavam em todas, pegando bons tubos no inside e arrebentando algumas seções finais perto da praia. Ainda estava frio. Voltando para a cabana depois do meu surf, fui parado por um fazendeiro local, que me disse: "Hoje, está 3 graus, mas com este vento parece zero". Ele nem esperou uma resposta, e foi embora balançando a cabeça. (As pessoas da Noruega falam de uma maneira engraçada, têm um linguajar diferente.) A busca de ondas é algo muito sério e complicado. Conforme as pessoas e os lugares, as coisas se transformam, de acordo com as necessidades; a cultura surfística se corrige, se apruma e entra num processo imparcial de limpeza, feita para se adaptar, se corrompe e é violada para ser deixada à morte. Acontece a toda hora, e, embora estejamos sempre negando, basta apenas olhar para o circuito do WCT, em lugares como J-Bay (África do Sul),



ROCK BRUNHARDT



MARK BANNISTER
GUL SURF TEAM

ADVANCED WETSUITS TECHNOLOGY

- Neoprene G-Flex Titanium 2
- Mangas e Ombros 100% Ultra Stretch
- Costura Flatlock
- Gola com acabamento Cobalt Glide
- Modelagem 3D Anatômica
- Textura Especial Anti-Velcro nos Ombros
- Garantia Extendida de 3 anos



WWW.GUL.COM

L A N Ç A M E N T O M U N D I A L

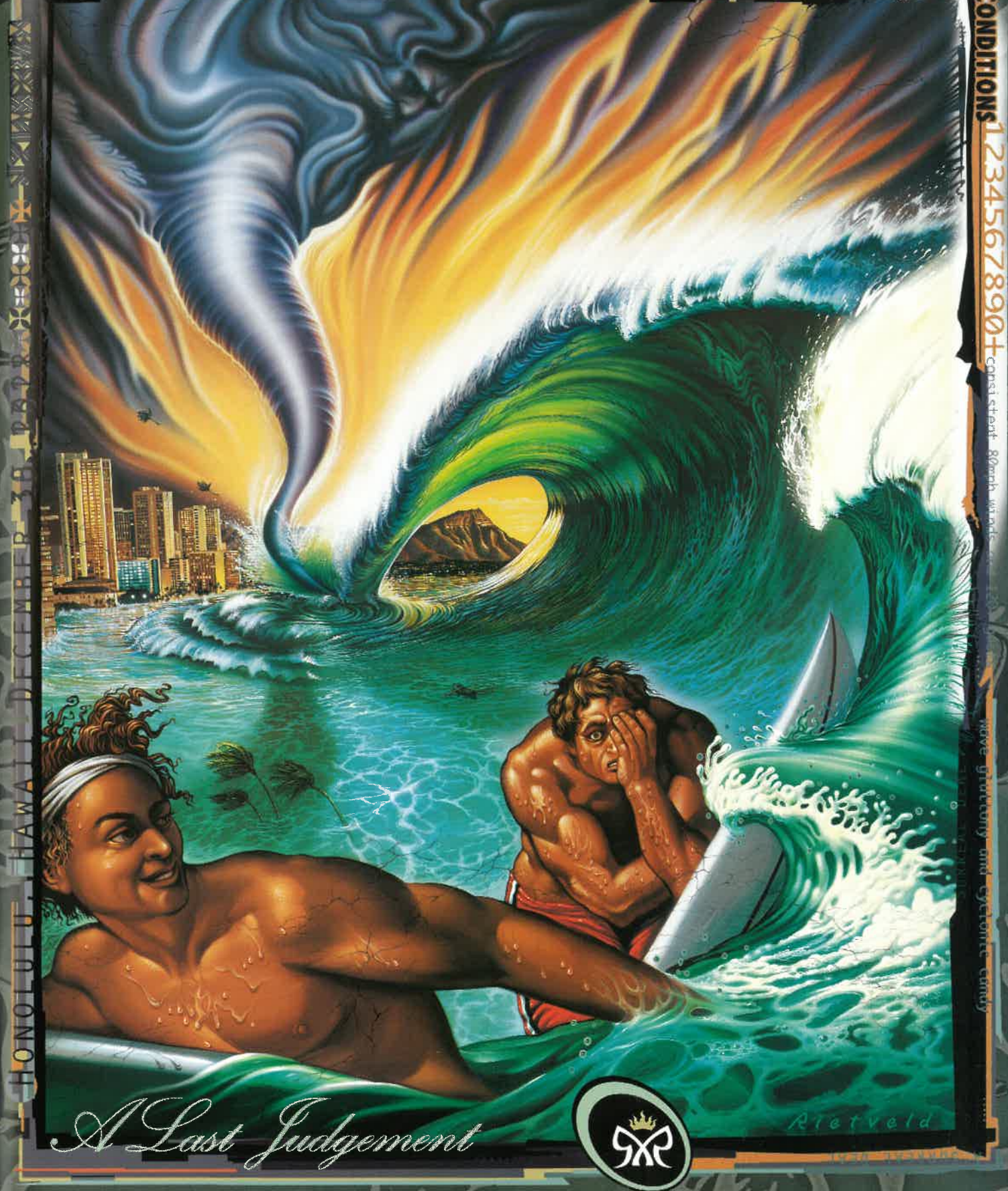


Aurora Boreal

Noruega

Rietveld

USA BUILT FOR THE EXTREME
SURFWEAR



HONOLULU HAWAII DECEMBER 20

CONDITIONS 1234567890+

Consistent 80mph winds
wave structure and cyclonic energy

A Last Judgement

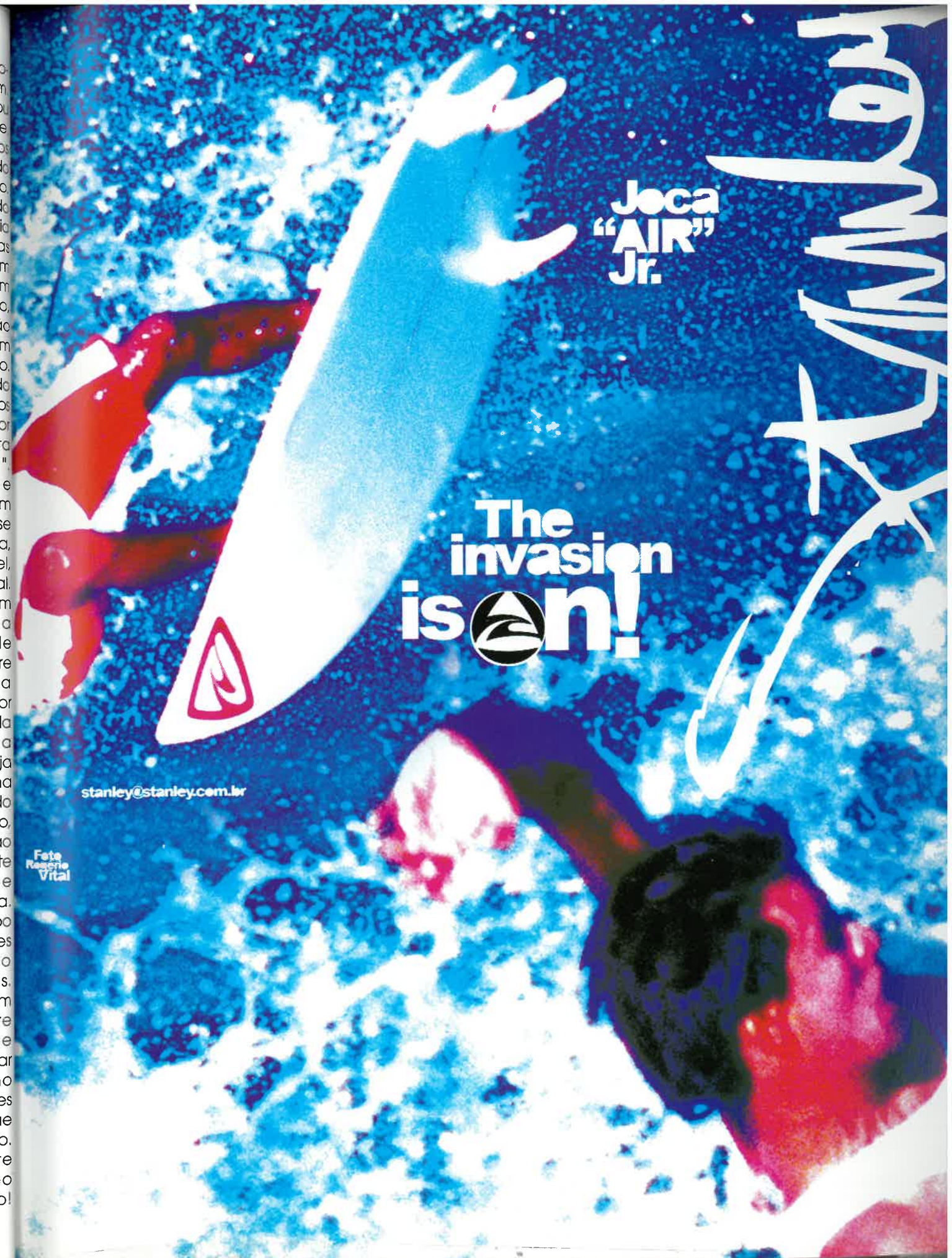


Rietveld

e o estilo de vida que todos abraçamos e curtimos são um meio, um veículo para atingir um fim entre as pessoas megalomaniacas, artigo simples, oferecido por vendedores baratos, para fazer a cabeça deles sobre algo em que nem acreditam. Bem, nem tudo é assim. Há ainda algumas pessoas e lugares que estão se rebelando contra esse lado sujo da vida, ou ainda acreditam muito na viagem verdadeira do nosso esporte. Noruega. Terra dos vikings, e outros clichês como esse. Deuses da Velocidade e do Trovão e seus filhos. Terra da água gelada, ondas boas, condições rebeldes e longos períodos de calmaria simplesmente intoleráveis. Terra da natureza colorida, mas onde os carneiros parecem nervosos (por causa do tempo ruim e talvez da comida escassa). Loiras excelentes e bonitas de doer, e a mais cara cerveja conhecida no mundo.



Pessoas que ainda não se dão conta do que o mundo do surf pode oferecer, distraídas para o que poderia estar deitado no canto pronto para atacar. Pessoas singulares, que parecem um pouco grosseiras num primeiro momento, mas, uma vez conversando com elas, são quentes, amigáveis e engraçadas. Muito, muito engraçadas. Vestes são anomalias, pranchas são fonte de fascinação. A fortaleza de espírito de um surfista é fonte de divertimento e possível consternação. Uma nação que obtém a maior parte de sua riqueza do mar obviamente cresce perdendo vidas nos oceanos escuros, mas desenvolve um respeito saudável por coisas com as quais nós apenas brincamos. A costa na Noruega é como uma "uma viagem diferente". O potencial do lugar não tem fim, e, com a rápida e avançada tecnologia no campo das roupas, há um grande risco de que o lugar seja explorado, e que se torne uma próxima Mentawai (shit!), a mais marcada, surfada, superexposta, conhecida, manjada, insaciável, tediosa e irreal costa do pobre cenário surfístico mundial. Nosso universo não existiria nem deveria existir com Dorian e Kelly na HT ("Hollow Tree", uma onda da Indonésia) como ápices. Não deveria ser feito de incontáveis diálogos arrastados entre bros falando sobre o quanto seus camaradas estavam bem naquela session, arrebatando. Poderia não ser formado por gananciosos surfistas profissionais brigando por comida até o anoitecer, enquanto um tubo perfeito desenha a sua silhueta no pôr-do-sol e um pescador solitário traceja uma linha com o barco tentando chegar com uma presa à sua família faminta. Deveria estar a caminho do conhecimento e da interação. Deveria ser uma missão, uma diligência e não uma briga por grandes camas ao lado do ar condicionado. A Noruega, particularmente acima, no norte distante, ainda é inexplorada, crua e diversificada. No inverno, é seriamente assustadora. A alta estação é muito quente, mas lá em cima, no topo do mundo, é frio e pesado... Há escarpas enormes e uma vastidão difícil de descrever. É calmo como nenhum lugar na terra, limpo, frio e livre de crimes. É um lugar para se retirar e ficar longe de tudo. Para um surfista, é um dos últimos choros do planeta livre morrendo. No entanto, para abraçá-lo, é uma missão e tanto. Olhe o atlas e dê uma checada no círculo polar Ártico. Olhe quantas costas norueguesas caem no círculo. Veja como seu território é cheio de acidentes geográficos. É uma costa fria e de formas variadas, que dará trabalho a um homem, antes de recompensá-lo. Para nós, as recompensas estavam provavelmente do lado errado, em relação ao monte de trabalho que tivemos. Ainda assim, foi um destino e tanto!



Joca
"AIR"
Jr.

The
invasion
is on!

stanley@stanley.com.br

Foto
Regina
Vital



"Snus" é um tabaco mastigável da região. Você faz uma pequena bola com ele e então o coloca no céu da boca. Seus lábios superiores ficam anestesiados. Um surfista local chamado Tommy me deu um pouco para experimentar. Ele fez uma bolinha e eu corajosamente - mandei-o pra dentro. Nada aconteceu num primeiro momento, e então um suave formigamento na gengiva, que logo passou a uma dor insuportável. Uma incontrolável necessidade de vomitar e cagar, ao mesmo tempo. Como se tivesse fumado um monte de cigarros de uma só vez. Engraçado. Os locais deram altas risadas da minha cara.

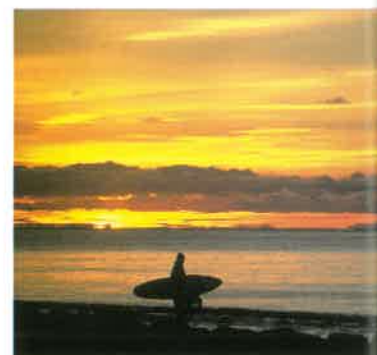
"Moonshine" é a bebida da Noruega. O álcool é muito caro, e a alternativa é o resto da industrialização em decomposição orgânica. Saiu nos jornais, enquanto estávamos lá, que cinco pessoas haviam morrido por causa dela, envenenadas por metanol velho - por esse lado, decididamente, uma forma desagradável de se acabar. No entanto, estávamos prontos para qualquer parada. Eu e Pickles tomamos um pouco, misturado com suco. Apesar de feder como combustível de helicóptero. Já Lurk-Ass, corajosamente, mandou-a pra dentro sem nada.

"Fata Morgana". O ar no círculo polar Ártico é limpo e tão puro que as paisagens distantes não ficam fora de foco. Como resultado, a percepção de profundidade torna-se impossível, e o mundo parece bidimensional.

Craig Jarvis, editor da revista sul-africana *Zig-Zag* e nosso colaborador, esteve no círculo polar Ártico, visitando a Noruega e descobrindo o surf e os contrastes daquela região, que outrora foi dominada pelos vikings.

Tradução: Viviane Palladino

Agradecimentos: Norwegian Tourism Board



AMERICAN O'NEILL SURFBOARDING

FRANCHAS DE SURF
FONE: (11) 3464 5688

O'NEILL-LA - FONE: (11) 5096 2477
www.oneill-la.com.br
oneill@oneill-la.com.br



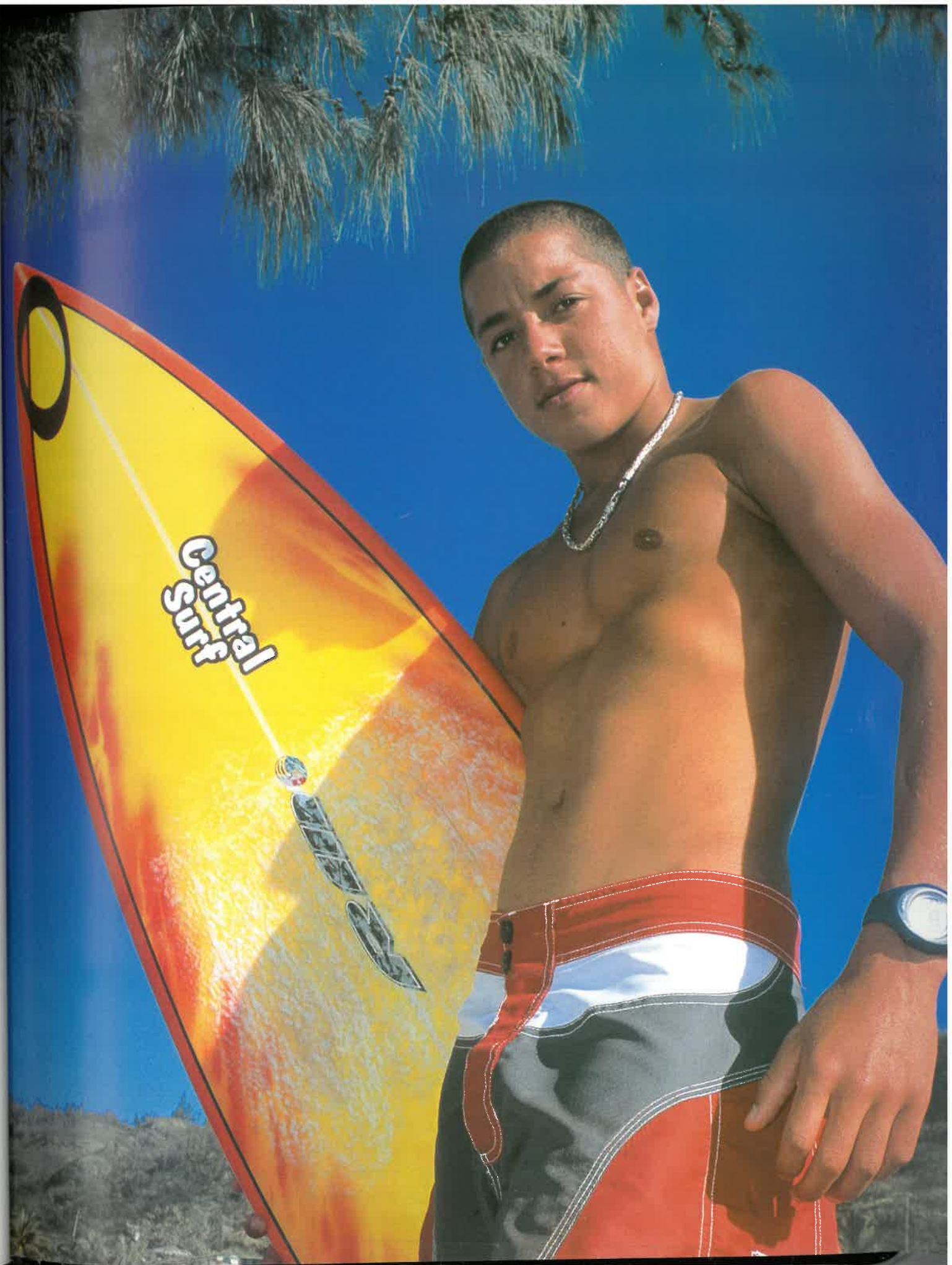
Adriano Elias de Souza

MINEIRINHO

Por Fábio Maradei
Fotos Bruno Lemos

No esporte, muitos fenômenos são revelados, mas poucos conseguem se manter no topo, em evidência, por um longo tempo. O sucesso, muitas vezes, é efêmero. Os atletas surgem, impressionam, chamam a atenção da mídia, patrocinadores, e num prazo curto desaparecem, por falta de preparo para lidar com a fama. Tornam-se simples figuras no meio de um grande universo.

Para o fenômeno dar certo é preciso, sem dúvida, muito talento, junto com uma grande dose de sorte. Aliados a isso, são necessários um trabalho de base e uma estrutura física, psicológica e financeira. No surf brasileiro, dois grandes exemplos desse tipo de sucesso são Neco Padaratz e Peterson Rosa. Eles souberam administrar suas carreiras e se firmaram como grandes talentos mundiais. Com uma trajetória semelhante, fazendo sucesso ainda muito jovem, mas mostrando ter uma estrutura capaz de garantir o seu futuro, o guarujaense Adriano Elias de Souza, ou simplesmente Adriano Mineirinho, já tem fama de fenômeno. Depois de ganhar vários títulos como amador, como o bicampeonato brasileiro de iniciantes e cinco títulos paulistas no Hang Loose Júnior, Mirim e Iniciante (o campeonato mais forte do país na revelação de novos talentos), ele é com certeza um talento precoce, mas tem muita base.





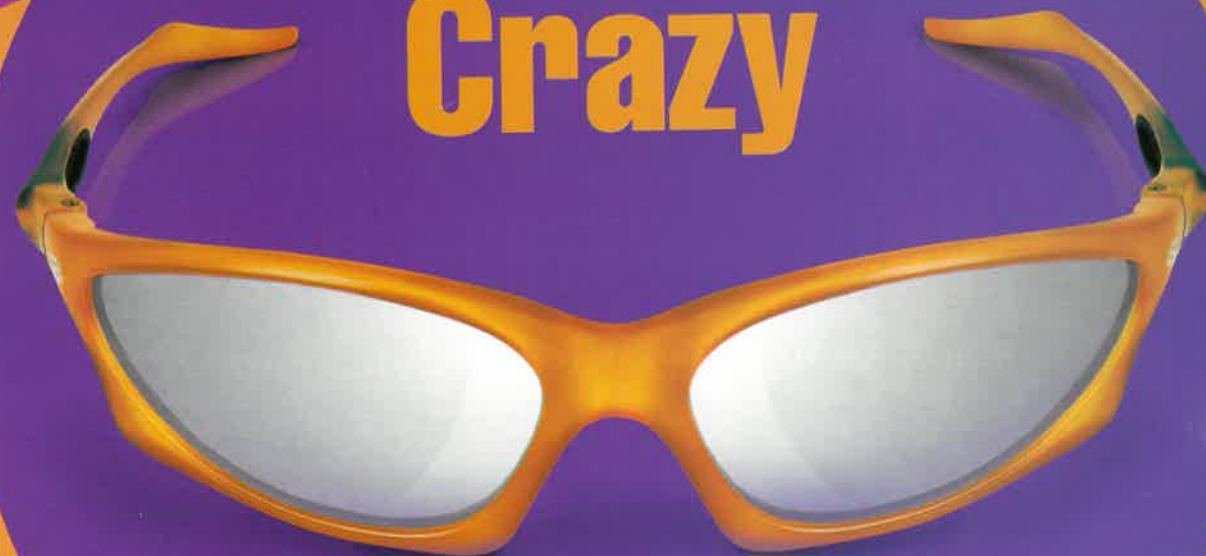
Off the Wall

MINEIRINHO

Com apenas 16 anos de idade, surge como uma grande promessa profissional. Mostra isso ao quebrar marcas no surf brasileiro. Foi o mais jovem surfista a ganhar um campeonato profissional, no início do ano passado, quando ainda não tinha 15 anos, na 2ª etapa do Brasileiro Super Trials, em São João da Barra, no Rio de Janeiro, e também o mais jovem a se profissionalizar, aos 15 anos (antes dele, o mais novo havia sido Peterson Rosa, quando tinha 16). Apesar da pouca idade, ele já vem impressionando. Ainda no ano passado, foi destaque em dois grandes eventos internacionais. Primeiro, nos ISA World Surfing Games, o mundial por equipes, com mais de 40 países, realizado na África do Sul, foi o terceiro colocado na categoria júnior e só não levou o título porque cometeu uma interferência no final da bateria. Depois, chamou a atenção no East Coast Surfing Championship, nos Estados Unidos, considerado o maior evento de surf no oceano Atlântico. Foi levado como convidado pelo diretor do evento, o também brasileiro Marcos Bukão, e fez tanto sucesso com o seu surf agressivo que ganhou o apelido de "The Brazilian Rocket", o foguete brasileiro. Os jornais da Virgínia, onde é realizada a disputa, chegaram a declarar que Mineirinho foi a melhor coisa surgida no surf depois de ninguém menos que Kelly Slater. Ele disputou três categorias e chegou em todas as finais. Venceu a júnior, foi o terceiro colocado na pro júnior e o vice-campeão na profissional, sendo derrotado apenas pelo experiente Dino Andino. Além de mostrar um surf de primeira, ficou conhecido por uma atitude digna de um grande atleta. Durante a final, Dino Andino perdeu a sua prancha após uma onda, e Mineirinho, que corria na beira da praia para voltar ao outside, parou, pegou o equipamento do adversário e o levou até o fundo. Foi aplaudido de pé por milhares de espectadores, que acompanhavam a decisão. Quem já o viu surfar não tem como não notar o seu talento sobre a prancha. Nos campeonatos, tem o compromisso com os critérios de julgamento radicalidade e velocidade na parte crítica da onda, unindo talento com muito treinamento. Ou seja, faz o que os juizes querem ver. Além disso, está sempre compenetrado. Fica muito tempo, horas, observando o movimento das ondas, os adversários. E como no surf moderno não basta ser apenas radical, ele leva a vantagem de ter a cabeça no lugar e uma boa estrutura. Mineirinho tem todas as vantagens de um grande fenômeno. Seu talento é indiscutível, e ele teve a sorte de contar com um grande patrocinador desde que surgiu nos campeonatos oficiais, em 1998, a Hang Loose, junto com a rede de surf shops Central Surf. Também conta com um empresário, o experiente Luiz Henrique Campos, o Pinga, que cuida de seus negócios. Hoje, iniciando uma nova fase na carreira, continua bem estruturado, agora com a Oakley, como atleta exclusivo, e manteve o apoio da Central Surf. Sua carreira vem sendo planejada em detalhes. A idéia é aproveitar os próximos dois anos para aprender, se preparar. "Ele vai terminar os estudos, aprender inglês e fazer o maior número possível de viagens por ano para locais de ondas boas. Este ano já estão certas as viagens para Noronha, Mentawai, Fiji, Assu, Bawa, G-Land e J-Bay", comenta Pinga, que vem lapidando o diamante bruto aos poucos. "O objetivo é que ele esteja preparado para o Circuito Mundial com um projeto em cima de metas, para estar pronto para tudo", acrescenta o empresário.



That's Crazy



Modelo: Crazy Orange
Armação: TR-90 Grilamid
Lentes: MLC Mirror Revo
(Multi Layer Coating)
D) Decentered

alphaline
BRASIL
Central de Vendas
0800-7041990
www.alphaline.com.br



X-TREME RACING
SPORT VISOR



Este ano, vai disputar o Super Surf e o Super Trials, além das etapas do WQS no Brasil. A pouca experiência não intimida Mineirinho na nova fase profissional. "Estou tranquilo. Sei que vai ser uma outra história, bem diferente do que enfrentei como amador, mas quero começar com o pé direito. Eu não tinha programado ser o mais jovem profissional do país, mas venci uma etapa do Super Trials, e isso foi uma prova de que posso ser um bom profissional", comenta o garoto, que herdou o apelido do irmão mais velho, mas leva todo o jeito de um bom mineiro mesmo. Prefere observar bem, fala pouco e é calmo. Agora é aguardar e acompanhar de perto a nova fase de Mineirinho, mas sem cobranças imediatas. A adaptação não vai ser imediata, mas pelo que tudo indica, o Brasil terá mais um grande nome internacional. Talento, disposição, garra, estrutura, planejamento não faltam. É esperar e, quem sabe, comemorar.

NOME - ADRIANO ELIAS DE SOUZA

APELIDO - MINEIRINHO

DATA DE NASCIMENTO - 13/02/1987

POSIÇÃO NA PRANCHA - REGULAR

ALTURA - 1,58 M

PESO - 54 KG

CIDADE - GUARUJÁ

PRAIA - PITANGUEIRAS

PATROCÍNIO - OAKLEY

APOIO - CENTRAL SURF

SHAPER - RICARDO MARTINS

DIVERSÃO, ALÉM DO SURF

OUVIR MÚSICA E ANDAR DE BICICLETA

MÚSICA - ROCK E REGGAE

CANTOR - TONI GARRIDO

COMIDA - FEIJÃO, ARROZ E BIFE

BEBIDA - SUCO DE LARANJA

OUTROS ESPORTES - SKATE E FUTEBOL

ÍDOLO NO ESPORTE - KELLY SLATER

COMEÇOU A SURFAR - 1995



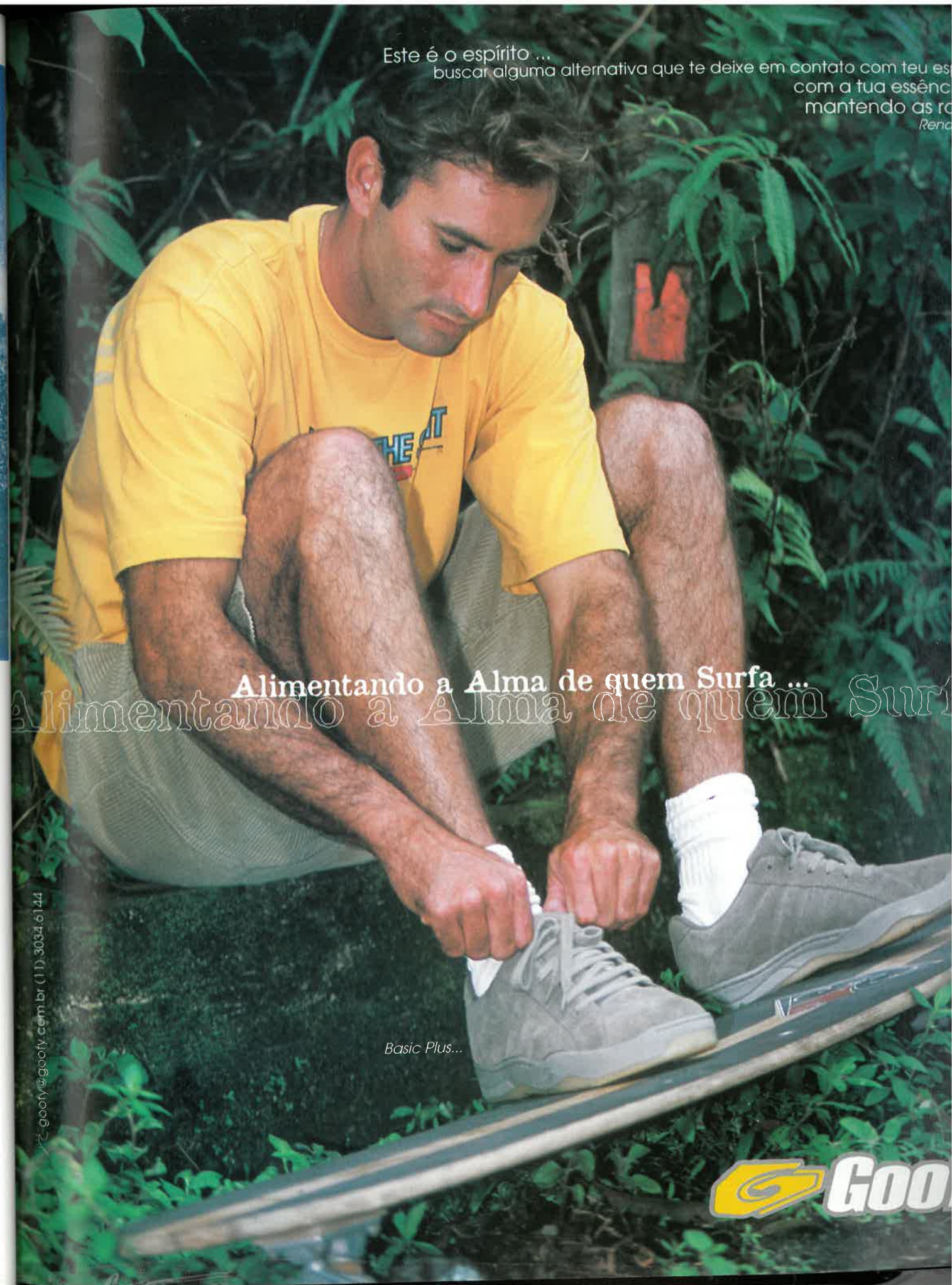
Haleiwa



A 1ª vez em Pipeline



Este é o espírito ...
 buscar alguma alternativa que te deixe em contato com teu espírito
 com a tua essência
 mantendo as raízes
 Renato



Alimentando a Alma de quem Surfa ...

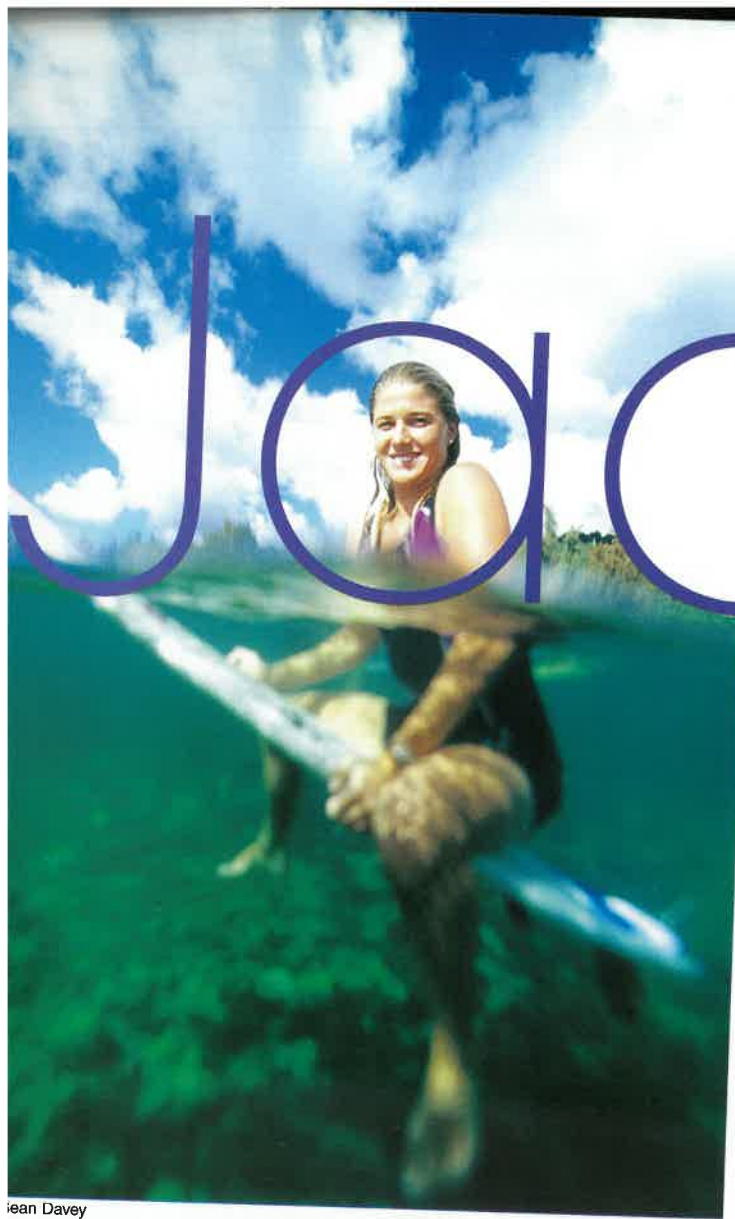
Alimentando a Alma de quem Surfa ...

Basic Plus...



goodyear.com.br (11) 3034.6144

Jackie



Sean Davey

A bela que é fera

JACQUELINE SILVA

■ Vice-campeã mundial do WCT 2002

Por Anderson F. Fornazari



Photo: A.S. Photos

No surfe, ou em qualquer outro esporte, os grandes campeões são geralmente dotados de uma aura distinta da maioria. Não que eles sejam maiores. Pelo contrário, em geral são simples batalhadores... Mas é justamente aí, numa vivência sob os preceitos da humildade, coragem e dedicação, que eles se diferenciam e se tornam capazes de praticar com louvor o esporte que escolheram.

Eis aí uma categoria de poucos atletas. De pessoas raras, como a nossa Jacqueline Silva, vice-campeã mundial do WCT 2002. Jackie, como é conhecida, começou a pegar onda em uma época em que o surfe ainda mantinha resquícios de romantismo, há cerca de 14 anos. Como muitos naquele tempo, a menina de Florianópolis começou, junto com o irmão, em uma prancha de isopor. Até que o destino a colocou à frente de Bira Schauffert, hoje técnico e empresário e, no passado, o responsável pela sua primeira prancha de fibra.

JOJO KIE



Fotos Sean Davey



Contando com grande incentivo de Bira, com apenas dois anos de água a catarinense ingressou nos campeonatos estaduais. "A grana era curta. Tinha apenas alguns pequenos apoios", relembra. Curiosidade: Jackie adorava piano. Como não tinha condição financeira para cursar aulas, conseguiu o apoio de uma escola, encheu a prancha de adesivos e, assim, aprendeu a tocar o instrumento sem gastar nada. Os pais também foram grandes incentivadores. "Muitas vezes, para bancar o custo das etapas, meu pai pedia dinheiro emprestado", relembra. "Minha mãe, embora me desse força, não acreditava muito, achava que o surfe era um esporte masculino." Tanto que naquele tempo não havia categoria feminina no circuito catarinense. Mas, mesmo assim, ela conseguia se dar bem. A "loirinha" da Barra da Lagoa conseguiu convencer a mãe à medida que ia fazendo a mala de alguns marmanjos. Entre eles, nomes fortes como o de Marco Polo, que na época, com 16 anos, ainda era amador. "Não fui só eu, não. Ela já desclassificou muita gente boa, que hoje está entre os tops do Super Surf", argumenta Marco Polo, que, por sinal, está em busca de um patrocínio forte para correr o mundial. A partir daí, o sucesso começou a ser desenhado. Foi campeã brasileira com apenas 17 anos, recebeu o prêmio de atleta revelação do WQS em 1998, com apenas um ano de circuito mundial, foi campeã desse mesmo circuito em 2001 e, agora, vice-campeã mundial do WCT, ficando atrás apenas da pentacampeã Layne Beachley. Apesar de perseguir insistentemente os seus objetivos, e o título deste ano é um deles, ela parece estar sempre à vontade, serena, tranqüila.. Ao contrário de muitos atletas, que costumam se isolar ou rezar bastante antes das baterias, Jackie não tem nenhum ritual de concentração. "Fico olhando o mar, conversando com a galera, descontraindo. Procuo ouvir os amigos e surfistas mais experientes, como o Teco, o Gouveia e o Herdy, que me dão um toque sobre o posicionamento dentro da água, o tempo das séries e o equipamento adequado para aquelas condições de mar", diz. Quando anunciam a bateria, ela sai de mansinho, pega a lycra e cai na água. Tática de competição? Mandar água para cima. De acordo com ela, que prefere fazer um surfe de linha (lib/base) e com manobras no crítico da onda, a sua única tática é tentar sempre se manter na prioridade da onda.



Foto Flávio Vidigal

"Quando o pico é um point break, por exemplo, vou remando de mansinho para o começo da bancada, como quem não quer nada, tentando ser sempre a primeira", ressalta. E foi assim que ela abocanhou o título da última etapa do WCT 2002, na lendária direita de Honolua Bay (Hawaii), que quebrou perfeita, com média de 6 pés. Jacqueline manteve um surfe forte e polido, com longos cutbacks, desde o início da etapa. Porém, foi no último e decisivo dia de competição que ela mostrou a que veio. Começou eliminando, nas quartas-de-final, a talentosa americana Julia Christian, e, com direito até a uma nota 10, mandou para casa, na semi, a havaiana Rochelle

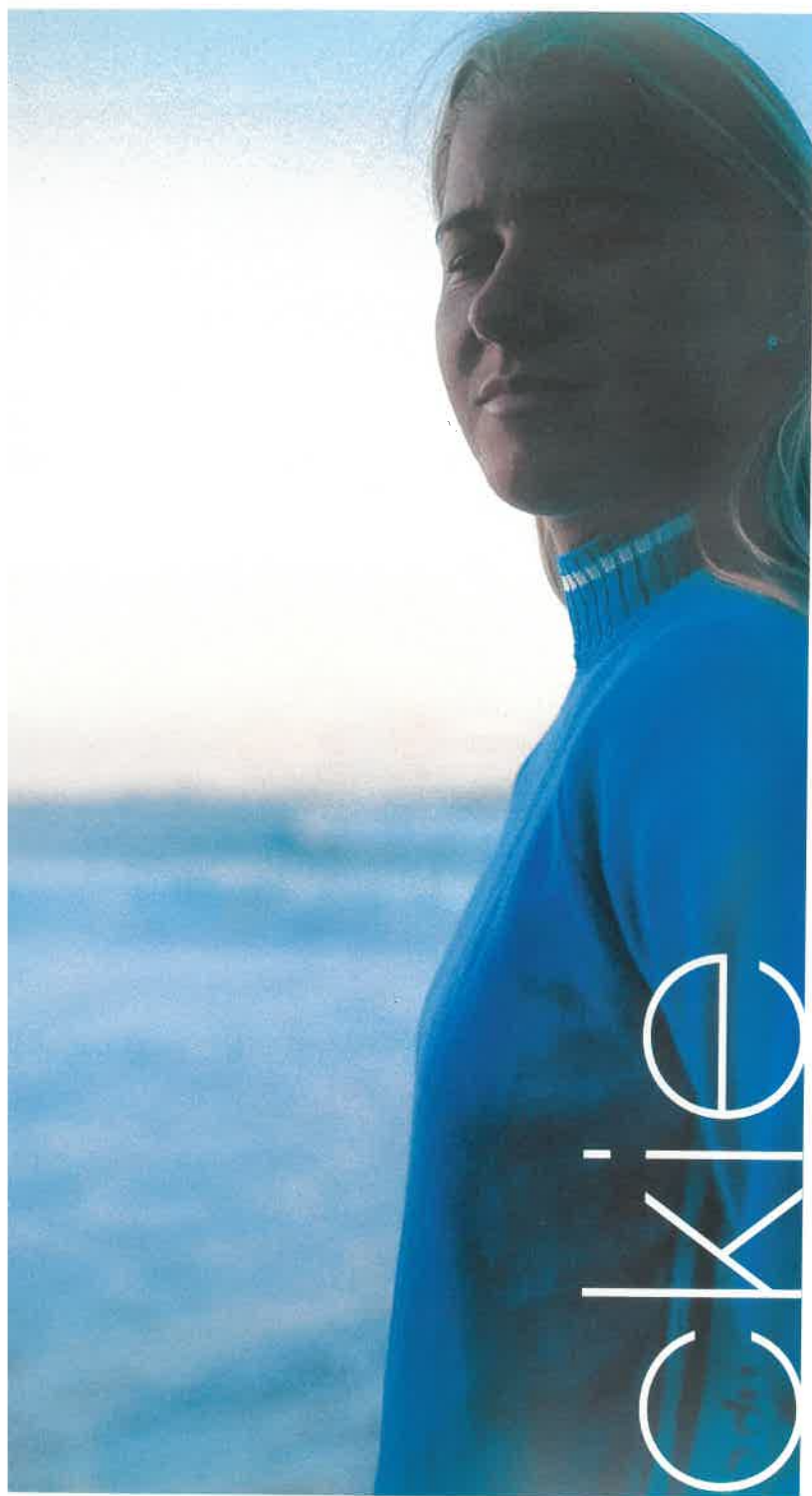
Ballard. Na finalíssima, Jackie surfou inspirada, espancando as longas direitas de Honolua. Logo de cara, na terceira e quarta ondas, marcou 8,25 e 8,75, consolidando a sua vitória por 17,00 contra 12,50 pontos da veterana australiana Pauline Menczer. Mas mesmo com a significativa diferença de 4,50 pontos, a bateria não foi nada fácil, principalmente depois que ela perdeu a prancha. "Faltando mais ou menos uns 10 minutos para o fim, o leash soltou do meu pé e a prancha foi parar nas pedras. Como tinha muita correnteza, não consegui chegar até ela. Aí, como ia demorar muito para que o Bira me trouxesse outra, peguei emprestada a de uma menina que estava no canal.



Enquanto remava de volta, os fotógrafos que estavam por perto me avisaram de que aquilo não era permitido. Nisso, o Bira chegou com a minha prancha, rebocado por um jet-ski, o que também não é tolerado. O certo seria nós voltarmos à praia e, aí sim, retornarmos ao outside. Como não havia tempo para isso, ficamos no canal, esperando o término da bateria", relata ela. Nesse meio tempo, a aussie pegou apenas uma onda, e, como precisava de uma combinação de duas boas notas, a brasileira nem sequer esperou o anúncio dos juizes para comemorar o seu primeiro título no WCT, em três anos de circuito. Até uma baleia apareceu no line-up para coroar o dia mágico da brasileira. A vitória lhe rendeu um prêmio de US\$ 10 mil e 1.000 pontos, levando-a da sexta para a segunda colocação no ranking final. "Vou me preparar muito para o título de 2003. Já fui campeã do WQS 2001 e agora consegui vencer uma etapa do WCT em ondas excelentes, provando que estou no mesmo nível das

ASPtostee





JACKIE

Porém, nem tudo aconteceu como deveria. Jacqueline ficou chateada quando notou que na hora da premiação quase todo o pessoal da organização e os juízes haviam ido embora. Poucas pessoas ficaram para prestigiá-la. Mesmo tendo conquistado um enorme respeito entre as gringas, ela ainda sente um certo preconceito por parte da mídia internacional e do julgamento, principalmente em baterias apertadas, onde a decisão pende geralmente para o lado das meninas mais conhecidas do circuito. "O reconhecimento da imprensa internacional ainda é fraco. Aparecer em uma fotinho 3x4 é um sacrifício, e, quando sai, eles põem apenas o nome e não fazem sequer um comentário", exclama ela. Obstinada por um resultado ainda melhor em 2003, ela tem o apoio e a confiança de 100% das surfistas brasileiras. A carioca Andréa Lopes, que, antes da Jackie, era a única brasileira a ganhar uma etapa do WCT (em 1999, no Rio de Janeiro), atesta o potencial da amiga: "Esse resultado é melhor do que já conseguiu um homem no WCT. Se tudo estiver em sintonia, a Jacqueline tem enormes possibilidades de se sagrar campeã do mundo". Essa também é a opinião da veterana Brigitte Mayer. "Ela está surfando muito e tem um preparo acima da média", comenta. Nascida em 17/7/1979, a catarinense quer provar na água o seu devido valor. Com os imensos leques de água lançados por ela, não há políctagem que ofereça resistência. É uma questão apenas de tempo. E esse tempo é agora. Força, Jackie!





Foto Agobar Jr

Morongó

O Rei do SURF WAVE

Por Zé Augusto de Aguiar

Este é sem dúvida um serviço de positivismo e longevidade para o surf. O Morongo retrata e celebra o "viver do surf" como ninguém. Além de ser uma figura exótica/excêntrica/transcendente/genial, ensina e inspira a crer nos nossos mais belos sonhos, como todas as histórias de reis...

Grandes negócios mundiais e as belas ondas de Garopaba são a rotina de Marco Aurélio Raymundo, o Morongo. O mais bem-sucedido empresário brasileiro ligado ao surf e a outros esportes aquáticos. Um fanático por ondas pesadas, mesmo aos 54 anos. Este é Morongo, o ex-médico pediatra gaúcho (formado pela URGs), criador e todo-poderoso dono da Mormaii, a gigante que fatura cerca de 50 milhões de reais anuais. Empresário e surfista sem medo da palavra risco. Cara alto-astral ou rude e grosso. Amigo fiel. Um chato nas ondas de seu pico local. Incentivador do surf nacional (quase todos os surfistas de ponta do Brasil passaram por suas mãos). Um homem sempre fiel àquele irrequieto jovem que foi nos anos 60 e 70 e um dia inventou a primeira roupa de borracha nacional. A peça essencial para surfar as ondas geladas do Sul do país.

Contexto das anos 70 Um moleque de Porto Alegre (RS), surfista, na época era comum como um E.T. Como surgiu o surf em sua vida, Morongo? "Faz tanto tempo... tinha 15, 16 anos, eu veraneava em Torres (a mais badalada praia gaúcha de ontem e hoje) e começaram a aparecer uns caras com uns longboards. Eu era moleque, era o mascote na praia, junto do Alemão Caio e do Paulinho Sefton." O surf de qualidade rolava na bela praia da Guarita. Ali Morongo deu seus primeiros drops, com pranchões. Até que "um dia pintaram o Rico e o Maraca em Torres, vieram mostrar as minimodels (as pranchas menores, que causaram uma verdadeira revolução no surf). Eram bicudas, 7 pés e pouco, monoquilhas". Diferentemente dos pesadíssimos pranchões, que garantiam mais o deslizar pelas ondas, as minimodels propiciavam um surf mais solto e radical, de manobras. Logo Morongo ("eu era todo sardento, me chamavam de Moronguinho") comprou sua primeira prancha, uma Zeca Guaratiba, feita por esse shaper no Rio de Janeiro. **Borracha salvadora.** "O surf era só no verão, o Sul é frio demais." Mesmo com o clima terrível, ele resolveu se mudar para Santa Catarina. O objetivo? Viver em Garopaba, junto de algumas das maiores e melhores ondas do país, os picos da Silveira, Ferrugem e Rosa. Só que surfar nessas águas congelantes, no pêlo, era coisa de malucos fissurados. "O pessoal usava roupas de mergulho, que não tinham nada a ver com o surf, nem com o conforto", lembra Netão, amigo de longa data de Morongo, chefe de equipe e faz-tudo da Mormaii há décadas. Além da precária mobilidade, as roupas de mergulho ainda arrancavam a pele da moçada. "Assava e machucava demais as axilas, rasgava a pele mesmo, machucava o peito." Essa era a cena na Garopaba de 1974, quando Morongo e sua esposa Mayra (o nome da empresa nasceria daí, das iniciais do casal) se mudaram para lá. Fora do mar, a cidade era na verdade uma vila de pescadores sem água encanada nem luz. O surfista doutor foi ser o único médico dali e da vizinha cidade de Imbituba, outro lugar de ondas clássicas, parecidas com as de Sunset, Hawaii, nos melhores dias. Plantão sem trêguas. "Trabalhava como clínico geral feito louco, atendendo a todo tipo de problema dos moradores", lembra Morongo. "Fiquei dez anos como o único médico da região."

A tribo. Morongo recorda a pequena turma que começou a fazer amizade pelas ondas: "Foram chegando o Tizano, Horácio, Victor Vasconcelos (criador das pranchas Vic Stick, hoje Hot Stick), um dos criadores das pranchas Cristal Graffiti, André Cotrim, entre outros. Muita gente morou em Garopaba nos anos 70. Shapers e grandes surfistas cariocas, paulistas e gaúchos. Comecei a morar lá, e também vinha muita gente passar uns tempos, como o Bocão, Cauli, Paulo Proença, os irmãos Pacheco, o Rico", lembra Netão. **A vida.** "Era muito sexo, drogas e rock and roll, ambiente bem descontraído. Coisa de hippies das ondas, paz e amor", diz Morongo. A trilha sonora para ele era um som mais calmo, o rock progressivo do Yes, Emerson Lake and Palmer, Genesis. Um pouco mais de peso só se fossem os Stones ou Peter Dinklage. Ou Eric Clapton e seu Cream. Dá pra imaginar as ondas perfeitas da Silveira na época, alguns amigos no pico, rolando a adequadíssima "Sunshine of your love"... Aquelas direitões bombando enquanto Clapton mandava aquele riff inconfundível... cantando o "amanhecer do seu amor". Amor às ondas e à vida. Apesar do surf mágico, a rotina do doutor era o sufoco da medicina. Mas cansado das inconvenientes roupas de mergulho que usava para surfar, Morongo começou a fazer uns macacões de elanca (tipo de material sintético): "Chamavam de 'quên quên', era todo listrado, um tipo de short john cavado, sem manga". Fez a roupa para ele e alguns amigos, mas logo sua inventividade fez a necessidade virar um negócio. Assim nasceu a Mormaii, empresa batizada com esse nome em 1975. Sem imitação. Você se inspirou nas roupas de borracha gringas, numa O'Neill? "Nada, me baseei no horror mesmo, no frio. Precisava de uma roupa para encarar aquele gelo. A gente entrava na água, ficava 15 minutos e já tava roxo, não tinha como", afirma Morongo. "Roupa de borracha, pra quem não trazia de fora, era a Cobra, de mergulho. Não tinha elasticidade, era muito grossa. E tinha cara que entrava até de pulôver (malha) pra espantar o frio. Hoje parece até piada. O aquecimento pra entrar na água era uma festa: nego dando porrada no outro, tomando cachaça Martelinho. Só a galera de mais grana podia trazer umas roupas O'Neill. O Morongo viu todo mundo na roubada e começou a Mormaii bem artesanal, na sala de jantar de sua casa." Logo ele fez sociedade com uma empresa que fazia roupa de mergulho na Argentina e a adaptou para o surf. Essa primeira roupa só era costurada do lado, em volta do braço e do pescoço era colada. O Morongo não queria vender. Mas vendi essa primeira peça para um amigo nosso, o Fumaça, figura folclórica em Imbituba; era um dos melhores surfistas e shapers do Brasil", recorda Netão. "Depois ele viajou para a Califórnia e o Hawaii, e viu como era o acabamento das melhores roupas de borracha. Voltou para o Brasil, e comprou uma máquina para dar esse acabamento. Começou a fazer jaqueta com braço (camisa de manga longa). Foi então caminhando até começar a fazer os short johns e long johns. E o sucesso veio porque ele fez a coisa certa, na hora certa, no lugar certo." Charles Padaratz, irmão de Teco e Neco: "Morongo foi um pioneiro, como o Alfio Lagnado (da Hang Loose) e o Avelino Bastos (shaper, descobridor dos irmãos Padaratz, criador e hoje sócio da Tropical Brasil). Caras que, na época em que poucos acreditavam que o surf poderia dar certo, investiram, colheram bons frutos e hoje resistem com competência às concorrentes estrangeiras. Ah! Só queria saber se ele ainda é o cara que pega as maiores quando a Silveira está bombando. Porque o homem não era fraco e botava para baixo mesmo". **Trabalho e vida leve.** Além da eficiência e qualidade dos produtos, algo mais elevado ajudou no bom funcionamento da Mormaii. Não é lenda: sempre que o mar fica bom, os funcionários dos escalões mais altos da empresa são dispensados. "Isso continua, mas não, claro, com o pessoal da produção", diz Netão. "Porém, o horário de funcionamento da fábrica permite que eles possam surfar", garante Morongo, que no meio dessa entrevista resolvia um papo com um funcionário. "O cara quer viajar pra Noronha, pra surfar, a temporada boa lá é agora (Janeiro, fevereiro). O que vou fazer? Amarrar o cara? Deixa ele ir." No mesmo telefonema, o chefe interrompeu a entrevista duas vezes para checar os ventos e as ondas de uma manhã de boas ondas em Garopaba. Victor Vasconcelos, shaper carioca: "Ele sempre teve essa disposição. Quando eu morava em Imbituba, a gente ligava um pro outro para avisar que o mar tava bombando. O Morongo sempre foi um cara pilhado pra surfar, e gostava das ondas grandes, me instigava sempre com aquele jeito louco dele". Felipe Fernandes, editor do jornal *Drop*: "Foi uma grande experiência ter trabalhado na Mormaii e ainda de ter convivido no dia-a-dia com o surfista Morongo. Fiz uma surf trip ao Hawaii, junto dele e sua família (os filhos do primeiro casamento, Flavius e Mailin, e a terceira filha, Tayná, com a atual esposa, Marisa Zancani). Ele revelou-se um surfista muito atirado; aliás, um bom companheiro pra cair em todos os mares que eu queria surfar, mas não teria coragem de ir sozinho, sem uma orientação. Ele estava sempre ali, dando pilha pra botar pra baixo, sem estudar muito as condições, pela vontade de se jogar nas grandes. Gravei na memória cenas do 'Véio' dropando Makaha, antes do bowl, e os lips das ondas pesadas, de 10 a 12 pés, arremessando atrás dele como aquelas bigornas de desenhos animados".



Foto Arq. pessoal

Todo big-rider que se preze conhece a sensação da tragédia iminente. "Teve um dia em que o mar em Imbituba subiu muito de repente. Como ficou grande demais, os pescadores que colocavam redes lá não se arriscaram a recolher. Mar perfeito, direitas de até 10 pés. O Morongo caiu num drop, e a prancha dele ficou presa de um lado da rede. Ele? Ficou do outro lado, embaixo d'água, preso pela cordinha da prancha na rede", lembra Victor. Morongo só não morreu porque "era bom mergulhador e caçador submarino, acabou conseguindo cortar a cordinha e voltar à superfície". "Cara que gosta de onda grande é maluco, é meio uma neurose mesmo. Sempre gostei do perigo. Faço asa-delta, piloto meu helicóptero. É um desafio que nem tocar essa empresa", revela Morongo. **Além das ondas.** Nunca acomodado, o empresário partiu para novos mercados depois de alguns anos. Separado de Mayra, casou-se de novo, com Marisa, e deu novos rumos à Mormaii. "O primeiro produto que fiz sem ser as roupas de borracha foi o calção, com neoprene na lateral. Depois o negócio foi indo, com a ajuda, idéias e trabalho fundamental da Marisa. Ela entende muito de moda, botou a confecção para cima. Hoje a Mormaii fatura apenas 7% com as roupas de neoprene. O grosso do faturamento vem das roupas, óculos, relógios, calçados. Temos lojas próprias, franquias, participação em licenciadas, licença de outras empresas, etc. Ao longo dos anos, a Mormaii foi se adaptando à necessidade, criou novos neoprenes e designs, cada vez mais confortáveis. Continuou com o surf, mas criou roupas também para mergulho, windsurf, triatlo, etc. Além dos praticantes de esportes, a empresa equipa até os mergulhadores do Corpo de Bombeiros. **As grandes mulheres.** "Meu sucesso empresarial devo muito à minha primeira esposa, a Mayra, que teve coragem de ir pra Garopaba, e à Marisa, que montou a confecção." Para fazer sua primeira bermuda, Morongo se lembra de outro cara vital: "Eu não sabia nada sobre bermuda. O Lombriga, da THC, me ensinou". Voltando às roupas de borracha, Morongo se lembra de outro cara vital: "Eu não sabia nada sobre bermuda. O Lombriga, da THC, me ensinou". Voltando ao pescoço dele, serviram bem a qualquer um". Mais agradecimentos ainda aos três primeiros funcionários da fábrica, "eram meus pacientes de colhenseñase". E também aos melhores garotos-propaganda: "O Fabinho e o Teco levaram a marca pelo mundo". Julio Adler, ex-surfista pro, hoje colunista da mídia surf: "A Mormaii fez uma bela campanha no início dos anos 90, estampando o Teco e o Fabinho. Dizia assim: 'Alegria, os gringos não

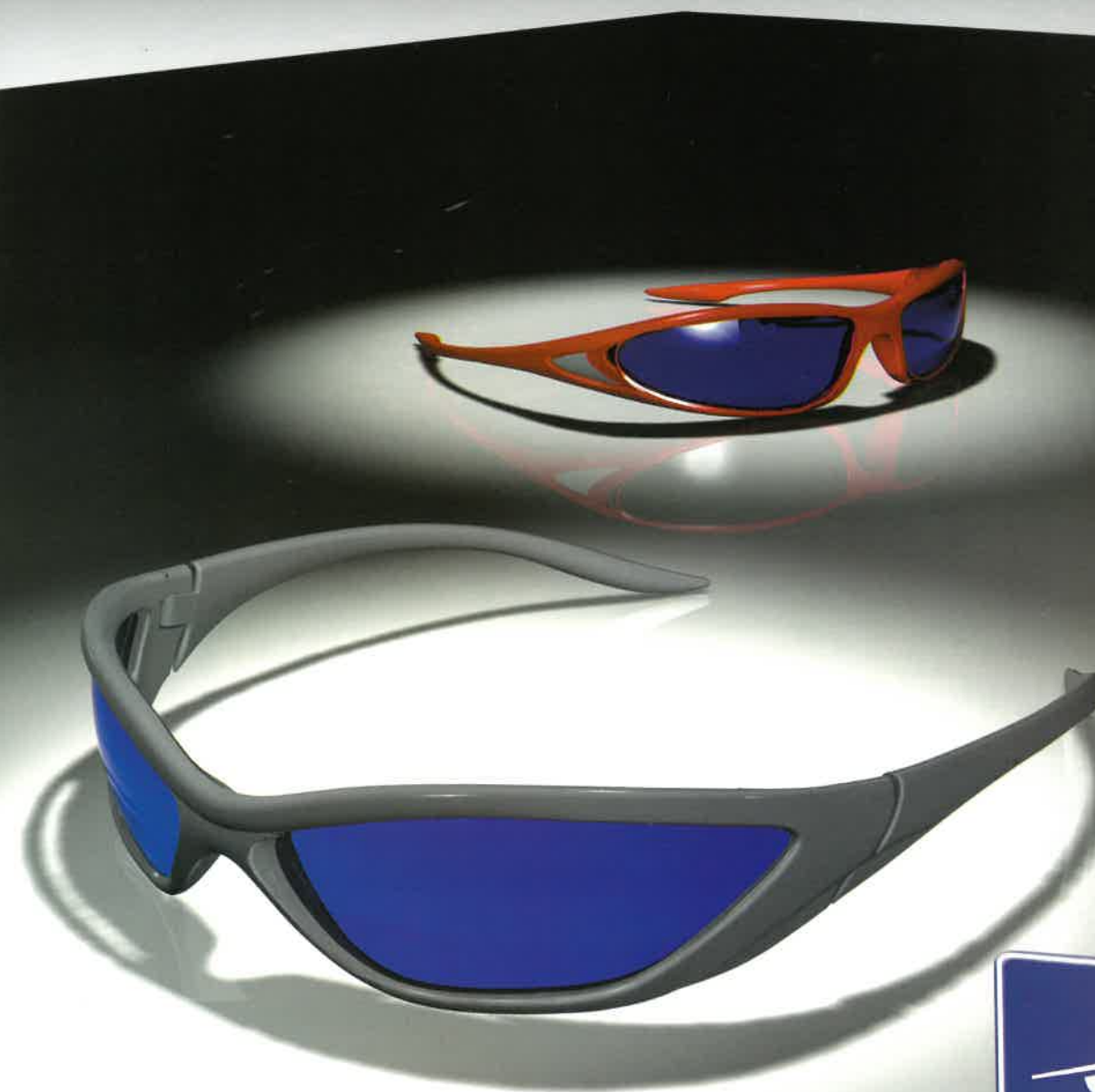
Era o Brasil mostrando talento e ganhando respeito no tour mundial com nossa pioneira dupla dinâmica, atletas patrocinados pela Hang Loose, mas que caíam de Mormaii nas águas mais geladas. Fábio Gouveia, surfista pro: "Sou seu patrocinado desde o final de 87 (exceto 90 e 91, quando fui da O'Neill), e a única vez que me lembro de ter surfado junto com ele foi em um Sunset grande, há muito tempo. A imagem que ele passa é a de um cara muito determinado, e talvez isso seja uma das chaves de seu sucesso. Fico amarrado em ver a Mormaii em várias partes do planeta, e isso facilita muito a nossa vida, como, por exemplo, no Japão, onde é um transtorno chegar a determinados lugares sem ter uma força de uma pessoa daquele país. Ter tido o Tom Curren como companheiro de equipe foi um sonho, e isso foi umas das coisas que o dr. Morongo proporcionou. A sua empresa também é parte da história do surf do nosso país, e suas roupas são hoje em dia uma das melhores do mundo". Que outros atletas a Mormaii apoiou? "Foram tantos que passaram pela gente que é difícil até identificar", afirma o patrão. O outro lado? O profissional do WCT, Renan Rocha, acredita que a Mormaii fazia mais pelos pros no passado. "Através de muito trabalho, Morongo atropelou tudo e todos para construir um império e um life style invejável em uma das cidades mais surf e belas do nosso país. Só falta um pouco mais de humildade para reconhecer o surf profissional brasileiro. Eles colocam, sim, dinheiro no surf, mas isso é muito pouco perto do tamanho da empresa. Eles não cultivam os ídolos, e quando pegam os atletas moleques não sabem dar continuidade ao trabalho formando atletas de WCT. Porque sabem que isso tem mais custo. Só que no final todos perdem: eles ficam sem ídolos e o surf brasileiro, empobrecido. A consequência é menos dinheiro no balcão do lojista. Tem ainda os eventos que hoje a Mormaii não faz mais, mas por outro lado eles têm um surf treino bem legal na praia Mole, mas isso é só na categoria de base. E o resto?". Netão, chefe da equipe Mormaii, rebate: "Somos diferentes de uma Quiksilver, por exemplo, que patrocina quatro, cinco atletas. Nós patrocinamos mais de 20, quase 30 surfistas. Então, se não pagamos o salário que todos desejariam, pelo menos ajudamos bastante esses atletas para que possam viajar. E penso que alguns ganham até bem, ao nível do Brasil". Os atletas da empresa ainda têm à disposição o Centro de Treinamento Mormaii, que possui bela infra-estrutura para preparar melhor os surfistas: médico, fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo, entre outros profissionais. Radiografada a empresa, falta explicar melhor o homem. Esse Morongo de humores variados, citado no início deste perfil. Flávio Vidigal, fotógrafo e videomaker: "Conheci melhor o Morongo quando viajamos para o Chile em 95, para fazermos um vídeo de surf com a equipe. É difícil conquistar sua confiança dentro de um estilo centralizador de decisões. Mas a partir do momento em que ele acredita em você e no seu trabalho, o vínculo criado é altamente sólido. Às vezes é complicado defini-lo como um cara simples, que chega na fábrica com seu Fiat velho e vestido com roupas que o confundem com qualquer dos seus empregados. Porque no momento seguinte ele poderá ser visto embarcando em seu helicóptero para buscar clientes internacionais no aeroporto de Floripa. É, assim, uma figura inconstante, que hora passa por você e pergunta como vão as coisas, hora passa e parece não te enxergar. Lidar com essa inconstância de humor é uma arte que seus fiéis escudeiros tiram de letra, pois suas amizades são sólidas. Aqueles que venceram a desconfiança de alguém que tem todos os dias centenas de pessoas propondo, pedindo, bajulando, querendo alguma coisa da Mormaii, hoje compreendem a razão do seu jeito rude e desconfiado. Atrás dessa máscara existe um pai exemplar e um patrão que realmente se mistura com seus funcionários, pois entende todas as etapas da produção que começaram das suas mãos, e um amigo de verdade. Sua visão empresarial é impressionante, pois hoje a Mormaii vende de roupa de borracha a óculos, relógio, roupa, e tem uma rede de lojas franquizadas. Lembro de uma vez ele falar pra mim da sua técnica de marketing de guerrilha, em que conseguia otimizar sua verba e conseguir uma exposição bem maior do que aquilo que aplicava no marketing. Surfista de alma. Posso garantir que não existe no Brasil alguém da sua idade, para lá dos 50, com tanta energia e gás para dropar as morras, seja no Chile, Hawaii ou nas direitas da Silveira". Empresário com alma de surfista e jovem empreendedor, o 'Véio' não cansa de se arriscar e vencer. Dá até para perdoar então sua marra nas ondas e jeito de dono da Silveira. Porque esse é Morongo e sua Mormaii (impossível distinguir o chefe da empresa). Dois nomes vitais na história do surf (e outros esportes) do país.



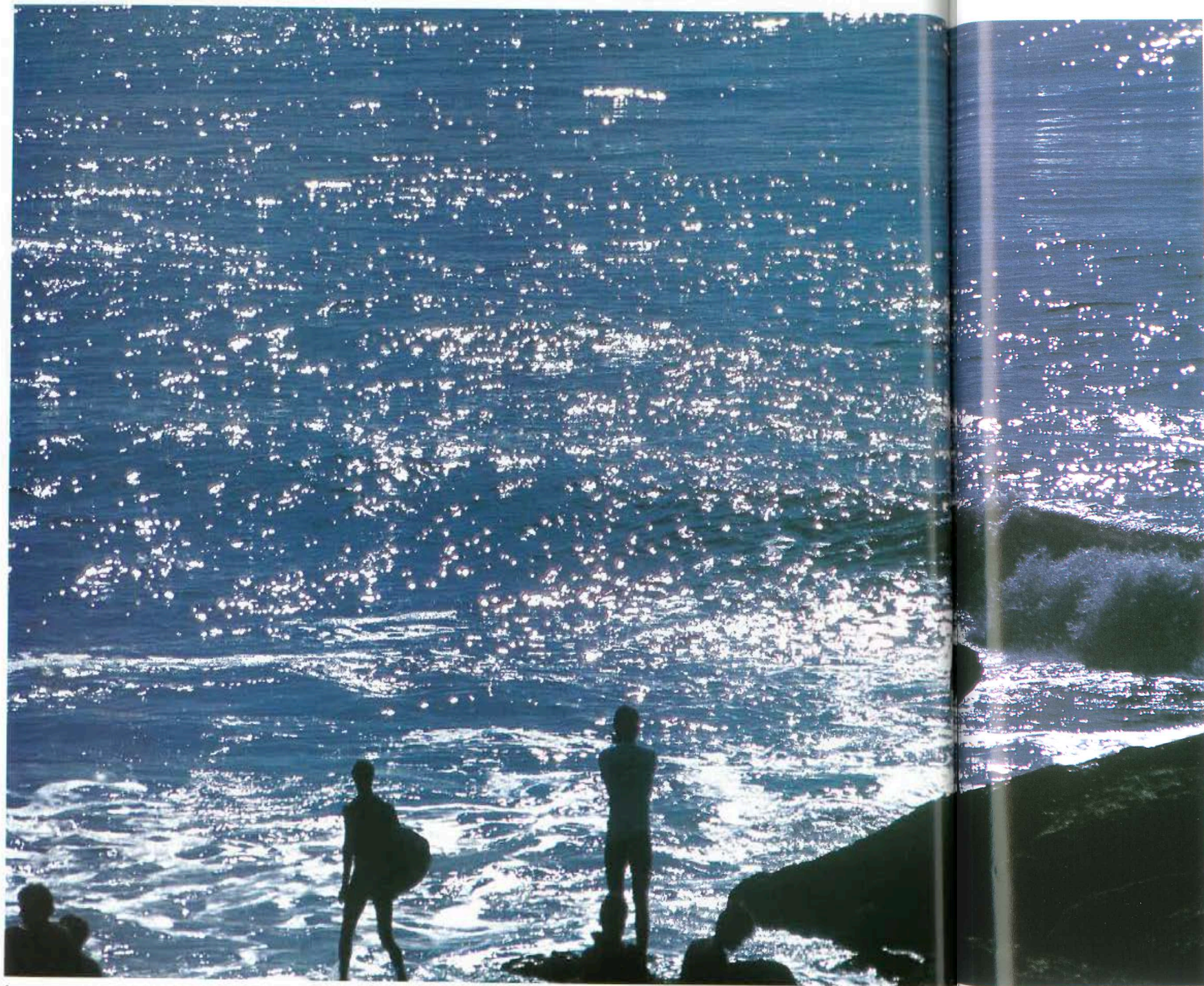
Foto Agostar Jr.

TRADIÇÃO E QUALIDADE

O ÚNICO APROVADO PELO INMI



TEL: (11) 4701
www.spy.com.



Matinhos Paraná - 83

P O R T F Ó L I O



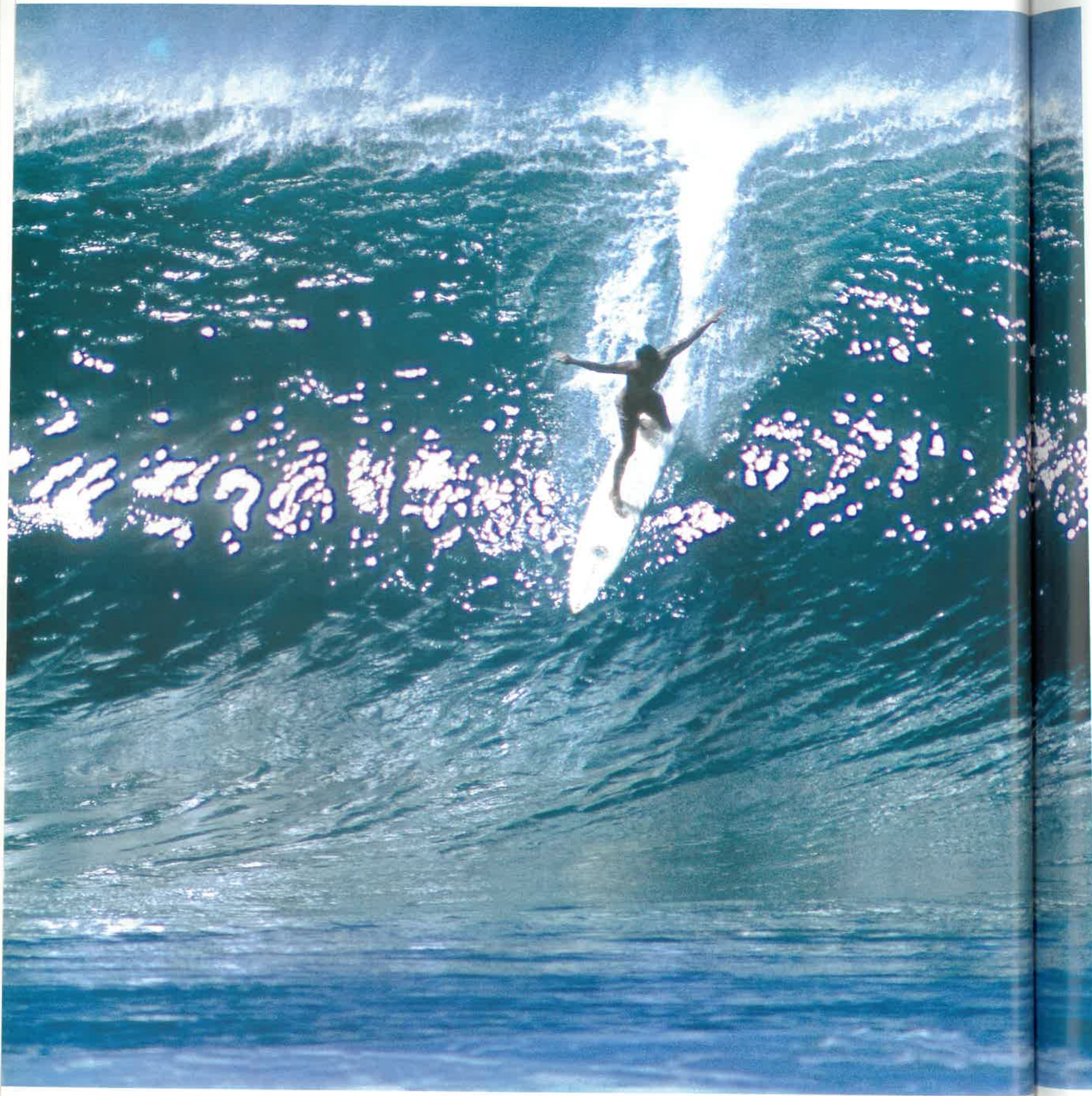
Nilton Barbosa

Apoio by Local Boardshorts

Para mim, além de muito gratificante, poder editar o portfólio de um artista com a estatura de Nilton Barbosa é uma recarga de idealismo e inspiração, já que, sem a menor dúvida, ele, com seu talento e pioneirismo, influenciou na formação deste segmento profissional e, com certeza, na minha também. Um cara polêmico, difícil, genial e lotado de convicções e posturas contraculturais, Nilton sofre as reações de suas ações. Com genialidade, estilo e luz própria, esse artista retrata a história do surf em suas lentes. Conheça o DNA do surf brasileiro, conheça Nilton Barbosa.

Romeu Andreatta Filho



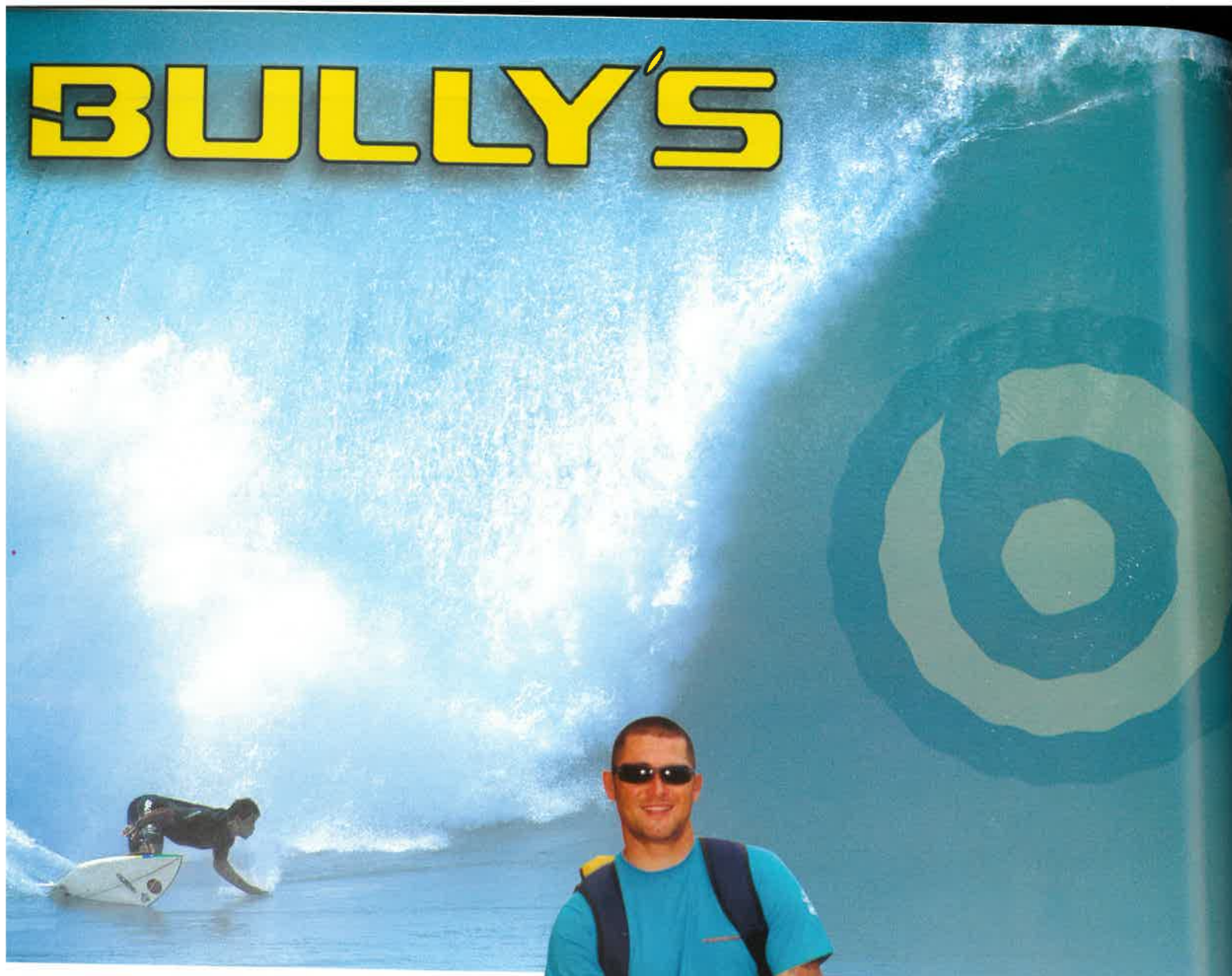


P O R T F Ó L I O

Nilton
Barbosa

Apia by Local Boardshots

BULLY'S



Everaldo Teixeira



PLP - Confeção Importação e Exportação LTDA. • Tel. (11) 5535.2761 / 5543.9446

Se tiver com medo nem entra...



A **WG** está procurando Big Riders brasileiros, homens ou mulheres com coragem e determinação para droparem as MAIORES ondas do BRASIL.
Categoria: Open

maiores informações: www.hardcore.com.br
WG - (11) 6096-2230



REALIZAÇÃO:



Apoio:



Apoio Cultural:

REVISTA **AlmaSurf**



UMA PAUTA PARA O JAZZ

Por Alberto Wood

Sumido das lojas, esquecido nas rádios, o jazz, um dos mais ricos estilos musicais do planeta, anda meio em baixa. Para galera entre os 16 e vinte e poucos anos, jazz é coisa de velho; no entanto, os tais DJs que eles tanto curtem não se cansam de samplear clássicos do jazz e mesclá-los junto com seus bits, dubs, pick-ups e afins. A onda não é nova. Na década de 90, o grupo nova-iorquino Deee-Lite fez um puta sucesso nas pistas de dança com a música "Groove Is in the Heart", suada na cara-dura de um disco que o pianista Herbie Hancock produziu para a trilha sonora do filme *Blow-Up* (1966), de Michelangelo Antonioni. Aliás, um discaço! Alguns anos depois, os ingleses do US3 também pegaram emprestada a música de Hancock e estouraram nas paradas com "Cantaloup (Flip Fantasia)". Pelo menos, eles tiveram a delicadeza de citar o nome do autor nos créditos. A partir daí foi uma festa, o jazz passou a figurar cada vez mais nas pistas através da alquimia dos DJs, e até mesmo a nossa bossa nova entrou na dança. No entanto, não vamos misturar as coisas, estamos falando de jazz, uma música que não me sai da cabeça desde que li a biografia do mestre absoluto Miles Davis, um livro que recomendo a todos os amantes da música, mas que, infelizmente, quem quiser ler vai ter que penar para encontrar, pois está esgotado nas lojas, e a editora Campus, responsável pela edição nacional, mudou de estilo e só está editando livros técnicos.

Entusiasmado com a história de Davis, saí às lojas na busca de alguns clássicos do estilo e, depois de passar por várias, fiz a triste constatação de que o jazz, tão em voga entre os DJs, está meio esquecido no mercado. Cara, não está nada fácil encontrar discos de Miles Davis, John Coltrane, Thelonious Monk, Charlie Parker, Herbie Hancock e outras feras! Uma exceção é a nova geração de vozes femininas, como Diana Krall e Norah Jones, que, por mesclarem o pop ao seu jazz, conseguem algum espaço, mas se você quiser música instrumental, seja nova ou velha... vai ter que importar. Nas muitas seções de jazz que ainda existem em algumas lojas, o que se vê são discos com compilações de músicas que, por algum motivo, caíram em domínio público e neguinho aproveitou para ganhar uns trocos lançando um álbum que está mais para denegrir do que promover o artista. Quando você encontra uma prateleira farta, a maioria dos CDs são importados, caros para cacete, por volta de 50 reais cada, e se forem "made in Japan" sobem para 80 ou mais. Até mesmo discos nacionais usados, como os da série de jazz da Columbia Records, que inclui bons títulos (você consegue achar alguma coisa nos sebos da vida), são caros, custando entre 20 e 30 pratas. Cheguei a perguntar para um vendedor por que os discos eram mais caros, e ele me disse que, além de serem escassos, o público de jazz paga o preço. Ele também me contou que muita gente, cansada de esperar por lançamentos nacionais, aproveita as viagens ao exterior para comprar seus discos, pois, ao contrário daqui, nos Estados Unidos esses discos são encontrados com facilidade e a bons preços.

Uma luz no fim do túnel surgiu agora por meio da BMG, que acaba de lançar 20 títulos da Fantasy Records, considerado o maior conglomerado de jazz da indústria fonográfica mundial, superando até mesmo os selos Verve e Blue Note, que também fizeram história no jazz. O lançamento destaca alguns dos mais importantes discos de artistas da música, cujos trabalhos foram remasterizados com tecnologia digital de 20 bits, o que permite uma resolução sonora muito superior à dos CDs convencionais de 16 bits, produzindo maior ganho de "graves, médios e agudos". Não tive o privilégio de recebê-los aqui na Redação, mas como estava na busca do jazz, não vacilei e comprei alguns títulos. Com isso, pude constatar a primeira coisa negativa do produto: o preço. Custam 35 reais em média, o que é caro e me fez lembrar as palavras do vendedor: "O público de jazz paga". Pois é, eu acabei pagando mais se o preço fosse mais em conta, certamente eu compraria mais títulos. Outro fator que pesa contra é a tal e taluosa embalagem no formato "digipack", o predileto dos consumidores de jazz na Europa e no Japão, segundo a própria BMG. O fato é que ficou bonitinha mas ordinária, pois há uma corte na contracapa, onde está inserido o encarte. O corte não segura devidamente o encarte, que escorrega para fora da capa com facilidade e também não é lá essas coisas. Logo, o formato digipack (capinha de papel grosso), que teoricamente justificaria o preço, é justamente o ponto fraco do CD. Além do mais, algumas gravadoras alternativas têm usado esse tipo de embalagem, com melhor acabamento, e nem por isso cobram mais caro.

Bom, mas vamos ver o lado positivo, que é o que conta mais. O primeiro disco que arrematei foi o maravilhoso *Blue Moods*, de Miles Davis, que caracteriza muito bem a definição de cool jazz. 1955, o bebop estava na crista da onda e o negócio era tocar o maior número de notas, em complicadas escalas, dentro de um compasso. De repente, Miles faz justamente o contrário, alongando as notas e os tempos. Embora o disco não tenha sido muito badalado na época, acabou mudando radicalmente a música e criando um novo padrão para o jazz. Ao lado de Miles estavam outros monstros sagrados, como o baixista Charles Mingus e o baterista Elvin Jones. Eu não poderia deixar barato, né!

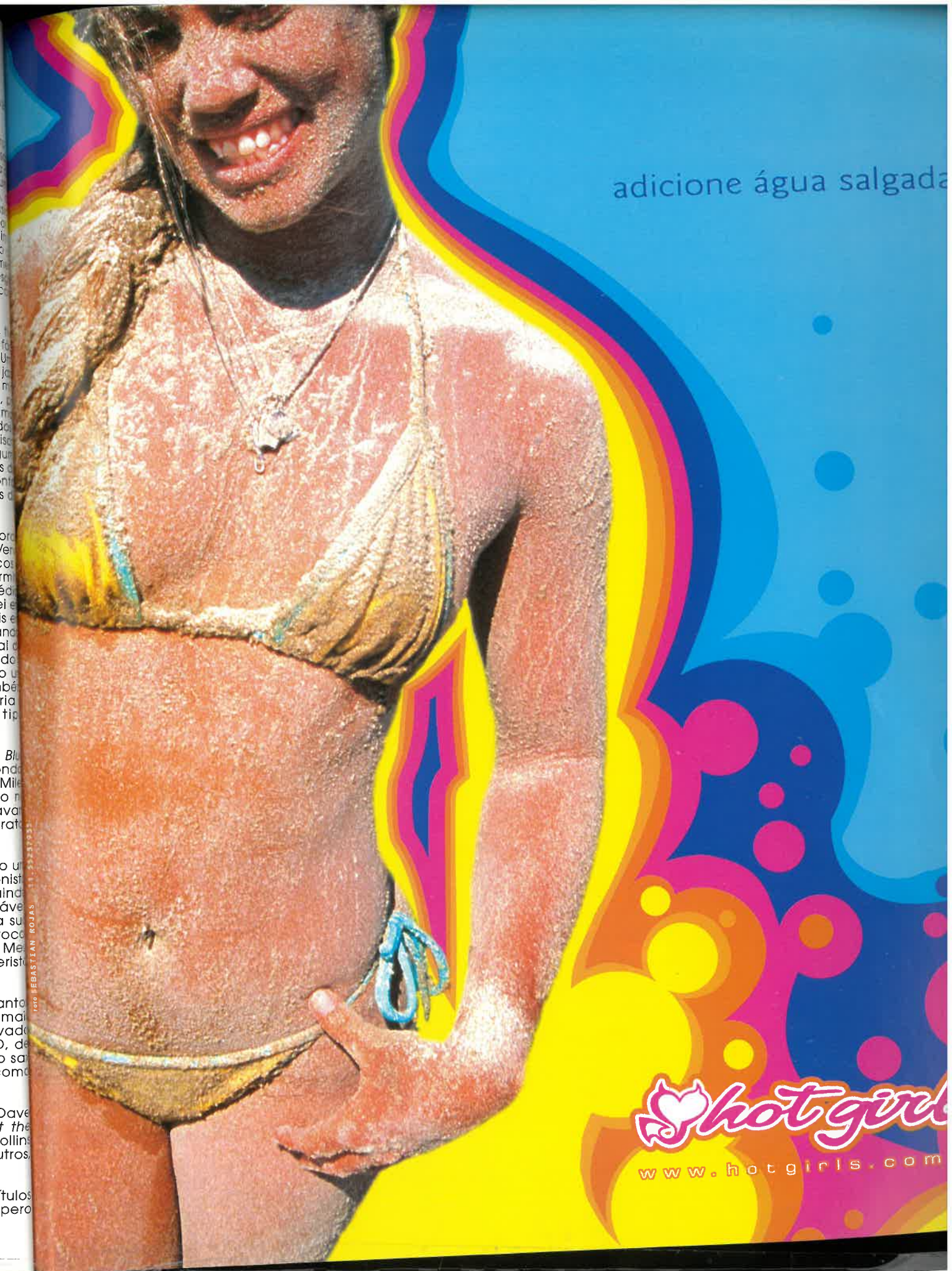
Depois dessa pérola, saí garimpando por aí onde comprar os outros títulos pelo melhor preço, e acabei colhendo um aqui e outro ali. Já que estava na caça de Miles, comprei também *Bags' Groove*. Bags é o apelido do vibrafonista Milt Jackson, um dos caras mais importantes do cool jazz e membro do grupo The Modern Jazz Quartet. O set ainda contou com o saxofonista Sonny Rollins e o mítico pianista Thelonious Monk. Tudo isso em gravação impecável. Entusiasmado com a sutileza sonora de Milt, não pude deixar passar em branco *Bags Meets Wes!*, que registra sua união com Wes Montgomery, um dos maiores guitarristas do jazz, possuidor de uma característica peculiar de tocar em oitavas, até mesmo nos solos, que acabou influenciando muitos outros guitarristas que surgiram depois dele. Meu irmão, o som desses dois juntos é coisa do outro mundo! Para melhorar o tempero, a cozinha conta com o baterista favorito de Miles, o grande Philly Joe Jones.

A falta de grana me deixava doente na hora de escolher o que comprar, e era difícil selecionar um nome entre tantos bons músicos. No entanto, resolvi arriscar meus últimos reais na elegante sonoridade do saxofone. Comprei mais dois títulos: no tiro dado no disco *In San Francisco*, do Cannonball Adderley Quintet, acertei na mosca. Foi gravado ao vivo, em 1959, e dá para notar que Adderley estava inspiradíssimo no dia, uma obra-prima; já o outro CD, de Charlie Parker, *Bird at St. Nick's*, não valeu tanto assim. Charlie, mais conhecido com Bird, é o maior nome do saxofone no jazz, mas a gravação ao vivo data de 1950 e é precária, não fazendo jus ao músico. Porém, fica valendo como registro histórico.

Bem, o dinheiro foi curto, e fiquei na vontade de alguns títulos que recomendo de olhos fechados, como: The Dave Brubeck Quartet (*Jazz at Oberlin*), John Coltrane (*Lush Life*), Bill Evans (*Portrait in Jazz*), Charles Mingus (*At the Bohemia*), Modern Jazz Quartet (*Django*), Gerry Mulligan & Thelonious Monk (*Mulligan Meets Monk*), Sonny Rollins (*Saxophone Colossus*), Benny Carter (*Jazz Giant*), Oscar Peterson, Stephane Grappelli & Joe Pass (*Skol*). Já os outros, eu não garanto.

O fim desta história é que ainda existe alguma esperança para o jazz no Brasil, e a BMG promete mais 20 títulos expressivos em breve. Quem sabe a Blue Note, a Columbia e a Verve não reeditam alguma coisa também. Só espero que a preços mais acessíveis, pois para encher os ouvidos de boa música tive de esvaziar os bolsos.

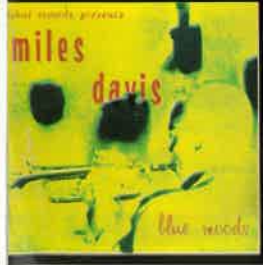
adicione água salgada



hot girls

www.hotgirls.com

ALMAGRE



CDs

A NOVA BANDA DE BILLY CORGAN

Se chama Zwan e é bem melhor que a extinta Smashing Pumpkins, embora muitos vão dizer que estou louco. Para dizer a verdade, nunca gostei daquele som, o guitarrista era ruim, a baixista pior ainda, e a voz de Corgan nunca foi lá essas coisas, mas o cara trabalha muito bem as idéias, e a banda pegou, se transformando numa das principais dos anos 90. Zwan traz o lado bom do Pumpkins (as idéias), numa sonoridade mais densa e assimilável. Mesmo os que discordam de mim, vão gostar e matar as saudades.



SPLIT DO TERCEIRO MUNDO

É uma união de bandas do selo do Dead Fish, uma das principais bandas do cenário hardcore independente brasileiro, onde cada grupo canta músicas do outro. Além do próprio Dead Fish, o disco reúne Street Bulldogs, Reffer e Noção de Nada. Uma bela produção do Terceiro Mundo, que, apesar de independente, sempre prima pela qualidade. Contato pelo tel/fax (27) 3345-9670 ou www.terceiromundo.com.br.



DANDO AS CARAS

Demorou, mas finalmente lançaram um disco do Face to Face no Brasil. *How to Ruin Everything* tem todos os ingredientes que fizeram a fama do grupo em seus 10 anos de estrada. Ou seja, é uma paulada punk-hardcore de primeira. O disco anterior, *Standards & Practices*, até rolou por aqui com cara de oficial, mas era um pirata desse produzidos na cara-dura. Este álbum vem com capinha digipack e encarte com letras. Bacanêrrimo!



TRILHA RAP

O filme pode até ser uma droga, mas a trilha sonora do filme de estréia (*8 Mile*) do rapper Eminem como ator é muito bacana e altamente recomendável para os fãs do estilo. Além de músicas do "loirinho" do rap, a trilha apresenta músicas de D12, Gangastarr, 50 Cent, Obie Trice, Xzibit e outros. Tá valendo uma orelhada.



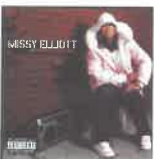
O TAPE PÚRPURA

No CD aparece o nome Pixies e só, mas na verdade são gravações de The Purple Tape, uma demo que o grupo produziu em seu primeiro registro de estúdio, em 1987. Algumas faixas desta demo foram lançadas no disco de estréia, *Come on Pilgrim*, e outras saíram em coletâneas e singles. Este novo álbum traz as nove músicas que estavam inéditas até então, material raro, para a alegria dos fãs desta banda, que marcou época no cenário do rock alternativo dos anos 80, influenciando uma penca de novos grupos.



RAP COR-DE-ROSA

Missy Elliott é a voz feminina do rap. Num estilo musical que na maioria das vezes tende a ser machista, a resposta é dada à altura por Missy. A mina detona, e seus discos estão entre os mais vendidos, fazendo páreo com Eminem. Além disso, seus serviços vêm sendo solicitados pelas bonitinhas do pop, como Mariah Carey e Whitney Houston. Em *Under Construction*, ela solta o verbo sem dó nem pena.



ELETRÔNICA DE FINO TRATO

Andy Dragaziz, compositor, produtor e multinstrumentista, lança o segundo álbum do bem-sucedido projeto Blue States. Assim como o anterior, este disco traz texturas suaves e agradáveis, mesclando a eletrônica com o acústico de cordas e metais, ora instrumental, ora na bela voz de Tahita Bulmer, de quem nunca ouvi falar, mas já virei fã. Música tranquila e com uma certa pitada de pop, só para dar sabor. Perfeito para depois de um dia de surf.



ROCK PRO RÁDIO

Aqui ou em Qualquer Lugar, o novo disco do Tihuana, está na medida certa para as FMs daqui e de qualquer outro canto do território nacional, seguindo a linha Charlie Brown Júnior, porém com um toque mais pessoal. Os caras foram criticados por estarem fazendo as coisas com intuito comercial. Cara, sei lá! Só sei que o disco é bacaninha, e depois, se a indústria da música não faz disco para vender, vai fazer para quê?



EMOÇÃO AUTÊNTICA

Muito bacana, o oitavo álbum do Water Music. Natural da Flórida, o grupo faz o estilo emo, uma vertente do post-hardcore, um pouco mais intimista e com um certo flerte com o indie-rock, fugindo de preocupações comerciais e buscando a emoção autêntica (daí o nome emo ou emocore). A definição reflete bem o trabalho desenvolvido. *Caution*, um disco forte e empolgante.



CÁSSIA VIVA

Quando Nando Reis iniciou os trabalhos de *Dez de Dezembro* (a data do aniversário da cantora), o mais recente CD póstumo de Cássia Eller, tinha duas preocupações principais: primeiramente, evitar o clima de luto; e depois, que o disco parecesse uma colcha de retalhos, pois muita coisa foi tirada dos arquivos da Universal. Bem, ele conseguiu. O disco é muito bom, um dos melhores. Me amarrei em "No Recreio", "Nada Vai Mudar Isso" e nas clássicas "Julia", de John Lennon, e "Little Wing", de Jimi Hendrix.



SOUL MAN

Don't Give Up on Me é o último álbum da carreira de Solomon Burke, embora tenha suas raízes fincadas na música gospel e esteja mais para a música que qualquer outra coisa, traz neste disco o bom velho blues em ritmo de baladas calmas, tudo muito bem arranjado com parcerias ilustres, com Tom Waits, Van Morrison e outras feras.



OUÇA COM ATENÇÃO

Have You Fed the Fish é o terceiro álbum da carreira de Badly Drawn Boy, na voz de Damon Gough, uma daquelas urinhas carimbadas do cenário de Manchester. Trabalhando numa linha indie/pop/rock, suas músicas são criativas e distintas, não como aqueles discos em que da primeira à última faixa parece o mesmo som, e que é preciso ouvir mais de uma vez para ir descobrindo as músicas.



PROPOSTA ANTI-ROCK

Pode parecer estranho que uma banda de rock adote a proposta acima, mas essa é a intenção de Jon Spencer desde a fundação do Blues Explosion, um trio de guitarra e bateria. Não sei o que ele acha depois de 10 anos de carreira. Mas por mim o som do grupo, que não lembra o blues, é rock dos bons! *Plastic Fang*, oitavo disco da banda, encerra minhas palavras; se tem algo anti-rock aqui, é a falta de clichês, porém a energia é a mesma.



CONVIDADOS MUITO ESPECIAIS

Hitting the Ground é o primeiro trabalho solo de Gordon Gano, da Violent Femmes, um conceitual grupo post-punk, com mais de 20 anos de carreira. Em seu disco, Gordon adota uma linha mais alternativa (sem aquela explosão do punk), reforçando o seu lado como compositor e acompanhado de estrelas do naipe de P. J. Harvey, Franck Blaug (Pixies), Lou Reed e John Cale.



CHAMAM DE WORLD MUSIC

Não deixa de ser verdade, mas talvez Youssou N'Dour prefira o termo mbalax para classificar sua mistura de música senegalesa com influências cubanas de James Brown e Smokey Robinson. No entanto, em seu novo disco *Nothing's in Vain* (Coono Du Réér), N'Dour se aprofundou mais na música africana, trabalhando com instrumentos e ritmos tradicionais e cantando, na maioria das vezes, em uolofe, sua língua nativa. Ficou lindo!

SALE

SUMMER DREAMS

EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS
SUPLEMENTOS ALIMENTARES
PRANCHAS:
KITE SURF, SURF, BODYBOARD, TOW IN

LONGBOARD, WAKE BOARD, SKATE
AS MELHORES MARCAS DE ROUPAS
CURSOS DE KITE SURF, SURF, BODY BOARD, TOW IN

GARRET MACHAMARA
BIG MAC

- CAMPEÃO MUNDIAL DE TOW IN JAWS 2002
- CAMPEÃO EXPRESSION SESSION MUNDIAL DE TOW IN COM A MELHOR ONDA E O MELHOR TUBO 2003
- A MAIOR ONDA EM TEAHUPPO 2002

WWW.STCOMP.COM.BR

ST COMP MOEMA - 11 - 5532-0453/5093-5336
ST COMP SP / SHOP CENTER NORTE - 11-6222-2987
ST COMP ATIBAIA - 11-4402-1489
ST COMP GUARUJÁ - SHOP LA PLAGE - 13-3384-1268
ST COMP MARESÍAS - 12-3865-7976
ST COMP RJ - SHOP RIO SUL - 21-542-0144
ST COMP RJ - NORTE SHOP - 21-3979-6154
ST COMP RJ - IPANEMA - 21-274-5815
ST COMP BRASÍLIA - CJ NACIONAL - 61-326-5136
ST COMP BRASÍLIA - PARK SHOP - 61-233-9599
ST COMP FLORIANÓPOLIS - CENTRO - 48-222-8796
ST COMP FLORIANÓPOLIS - BEIRA MAR SHOP - 48-222-1352
ST COMP PORTO ALEGRE - SHOP BOURBON IPIRANGA - 51-3336-4073

SÃO PAULO / GUARUJÁ / MARESÍAS / PORTO ALEGRE / RIO DE JANEIRO / FLORIANÓPOLIS / ATIBAIA / BR



PENSADOR E SURFISTA

Gabriel comemora 10 anos de carreira com o *MTV ao Vivo*, um disco que traz os maiores sucessos do artista e conta com participações de amigos, como Titãs e Lulu Santos. Aqui tem tudo que a galera gosta de ouvir: "2345meia78", "Cachimbo da Paz", "Lôrabúrria" e até inéditas.



PARA NÃO DEIXAR NINGUÉM PARADO

Assim é o som do trabalho solo de Roger Miret e sua banda, Disasters. Depois de 20 anos à frente do Agnostic Front, não se podia esperar outra coisa a não ser punk no velho estilo. Em seu primeiro disco, Miret opta por uma pegada rock'n'roll; é como colocar em um liquidificador Ramones, Clash, Sex Pistols, Agnostic e sair batendo.



RASTA MARANHÃO

O reggae já está tão radicado na região maranhense que se mesclou à cultura local. Pode-se notar isso claramente ouvindo o disco de estréia de Mano Bantu. Os caras fazem um som que junta a alma da Jamaica com a gíngua brasileira. É como se fosse The Wallers tocando xote.



SCRATCHING & PUNK

Junte Tim Armstrong (Rancid e Dance Hall Crashers), mais Travis Barker (blink-182 e Boxcar Racer) com um tal de Rob "SR" Aston, e o que você terá? A resposta é: *Transplants*, uma sonzeira de primeira linha, que mescla punk com rap de um jeito muito legal e original. Os caras arrebatam!



ELETRÔNICO PORNÔ DANCE

Ela nasceu Merrill Nisker, no Canadá, e se tornou Peaches, depois descolou um processador Reebel MC-505, um shortinho ordinário e enveredou pelo dance eletrônico usando o sexo como tema e o life-style meio punk. Na verdade, todo esse escracho veio da sua banda anterior, Shit, cujo nome dispensa comentários. Seu disco de estréia, *The Teaches of Peaches* é um verdadeiro convite ao sexo e à dança. Val encarar?



GERMAN PUNK

Os Beatsteaks nasceram na Alemanha em 1995, um ano depois de ganharem um concurso para abrir o show dos Sex Pistols em Berlim. Em 1999 conseguiram um contrato com a Epitaph, onde gravaram o primeiro disco (*Launched*), que os colocou na estrada. *Living Targets* mostra que os rapazes refinaram o estilo, ficaram mais melódicos e agressivos. Estão no posto.



HARDCORE CAPIXABA

Ep de estréia do Mono, grupo hardcore de Vitória-ES, lançado pelo selo Highlight Sounds, e formado por ex-membros do Undertow, Yuga e do próprio Dead Fish. É a multiplicação dos pães! Interessados podem adquirir pela cx. postal 185 ou no site www.highlightsounds.com

DVDS CLASSIC ALBUMS

ESTA COLEÇÃO DISTRIBUÍDA PELA ST2 NOS MOSTRA COMO FORAM GRAVADOS ALGUNS DOS MAIS IMPORTANTES DISCOS DA HISTÓRIA DA MÚSICA, COMO, POR EXEMPLO, OS QUE RECEBI AQUI NA REDAÇÃO:



CATCH A FIRE (Bob Marley & the Wailers) - Foi o primeiro disco do grupo pelo selo Island Records, responsável pela introdução deles no cenário mundial. O filme mostra como foram as gravações originais na Jamaica, e como foram finalizadas em Londres. Depoimentos do próprio Marley, Peter Tosh, Bunny Wailer e Robbie Shakespeare são ilustrados por algumas imagens raras, como a primeira apresentação deles na Inglaterra.



WHO'S NEXT (The Who) - Além de contar a história da gravação do disco, esse DVD ilustra um pouco da trajetória do Who e da atmosfera em torno deles. Na verdade, o álbum foi composto com material de um fracassado projeto multimídia de Pete Townshend, (talvez usado demais para o seu tempo). Como a idéia não vingou, resolveram usar o material em um novo disco. Criaram mais algumas músicas e lançaram o *Who's Next* em 1971, indo direto para o primeiro lugar da parada britânica de álbuns, onde permaneceu entre os 50 mais vendidos por mais de três meses.



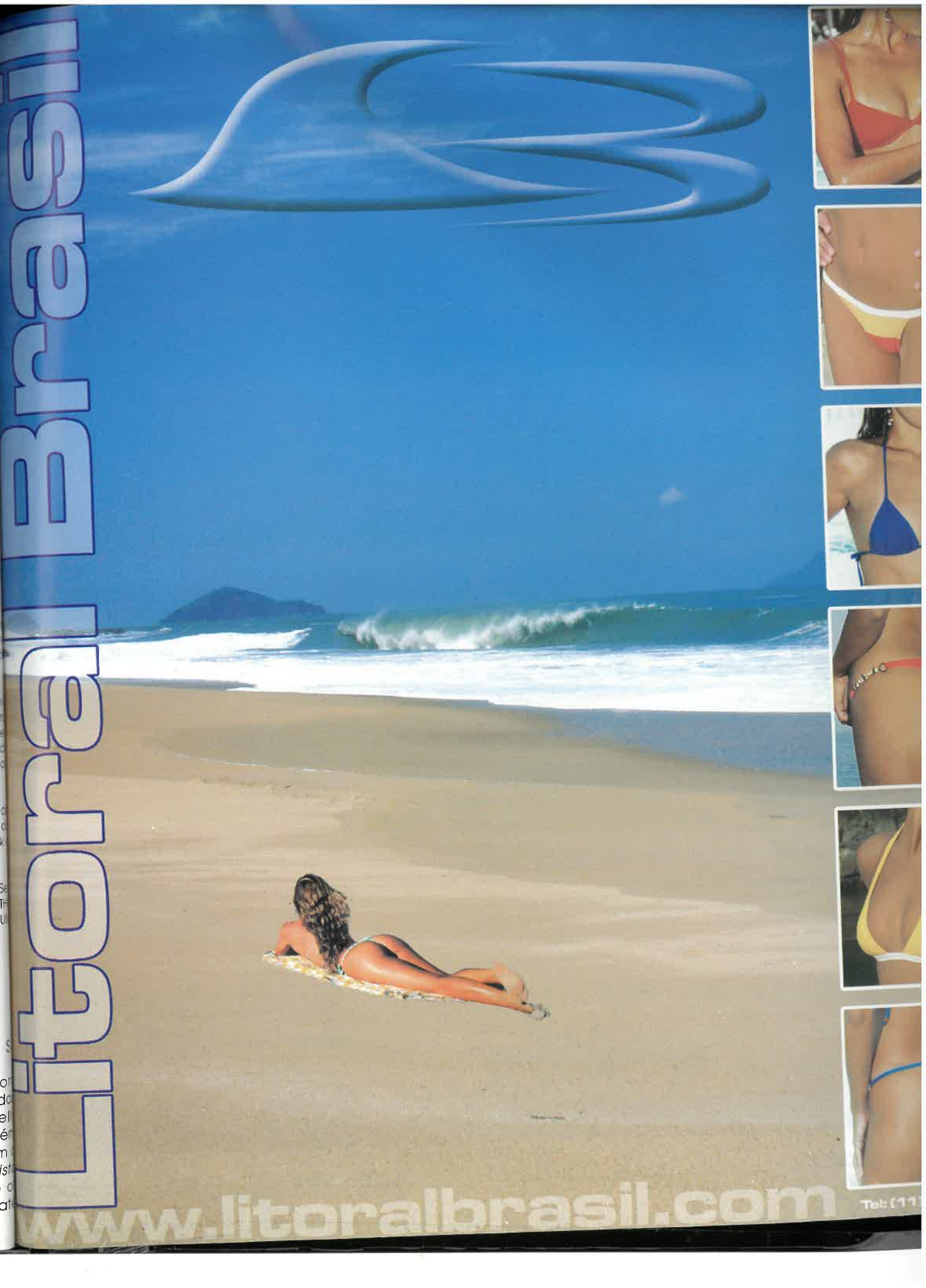
SONGS IN THE KEY OF LIFE (Stevie Wonder) - Apresenta os detalhes de gravação deste histórico trabalho de Stevie, desde a escolha dos músicos ao processo de mixagem e arranjos. Além de contar um pouco da história de cada música, traz o depoimento de importantes figuras da black music, como Herbie Hancock e Quincy Jones. Entre os três DVDs que acabo de citar, este é o melhor em termos de documentário.

A série Classic Albums ainda conta com outros títulos interessantes, como: NEVER MIND THE BOLLOCKS (Sex Pistols), MACHINE HEAD (Deep Purple), RUMOURS (Fleetwood Mac), ELECTRIC LADYLAND (Jimi Hendrix), THE JOSHUA TREE (U2), HYSTERIA (Def Leppard), TRANSFORMER (Lou Reed), METALLICA - THE BLACK ALBUM (Metallica), ELVIS PRESLEY - FIRST ALBUM (Elvis Presley) e outros.

PRÉ-LANÇAMENTO

MR. BANZAI FUNDE O SURF A DIVERSOS ESTILOS MUSICAIS

Surf e música, esta combinação sempre caiu bem. Tem muito músico que nas horas vagas encara um bom swell, como Rodolfo, Gabriel O Pensador e Eddie Vedder. Há também surfistas que se aventuram nas ondas sonoras, como Teco Padaratz, que recentemente lançou mais um CD com sua banda Surf Explícito, e Kelly Slater com *The Surfers*. Os surfistas Marcelo Ferreira, o popular Buchecha da WG, e Marcos Quintão também resolveram dropar essa. Para isso convidaram o músico e produtor musical Maurício Monteiro e fundaram o Mr. Banzai, em homenagem ao famoso pico de Pipeline no Hawaii. O primeiro CD se chamará *Nuca Desista* e deve estar nas lojas a partir de março. As letras foram baseadas em depoimentos de surfistas sobre os grandes surf spots do planeta e as músicas não se restringem a surf music, tem pop, rock, eletrônico e até romântico. É esperar para ver, ou melhor, ouvir!



litoralbrasil

HAWAII



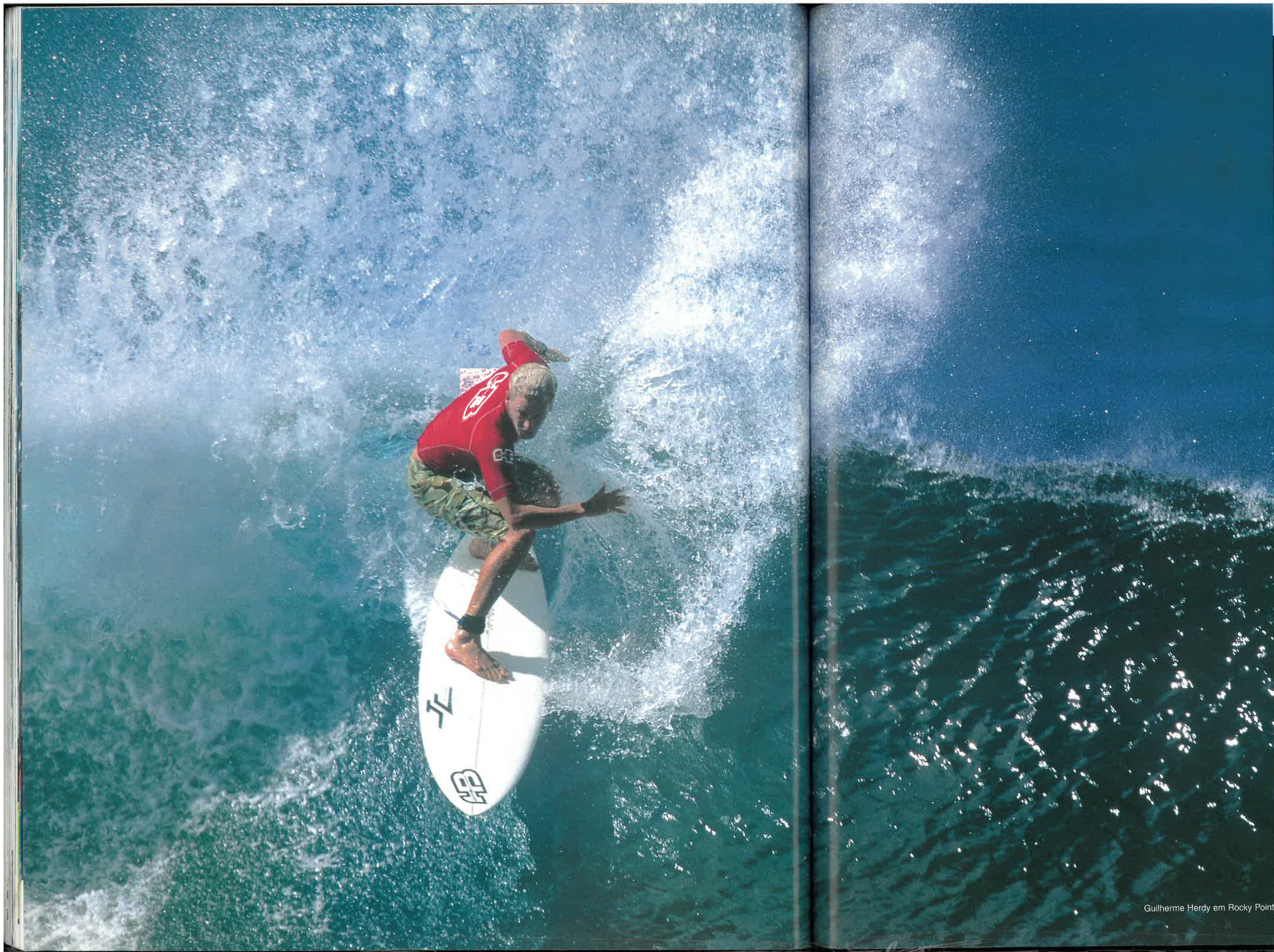
Renan Rocha - Off the Wall

"High surf warning"

Fotos Francisco Chagas



Uma visão de altíssimo-astral de quem respira e vive o Hawaii como Bruno Lemos nos mostra um Hawaii alegre, em paz e com muita onda. Para dar mais intimismo comemoramos a alta performance dos nossos surfistas fazendo um encontro maravilhoso de surf brasileiro nas ilhas. Perceba o sonho, a magia e muita alegria no Pacífico, deixe as tretas para os outros. Aqui é a Alma do Surf. Hawaii/2003-02-23!



GLOBAL Swell Wave Height [ft] and Valid 06JAN2003 00Z

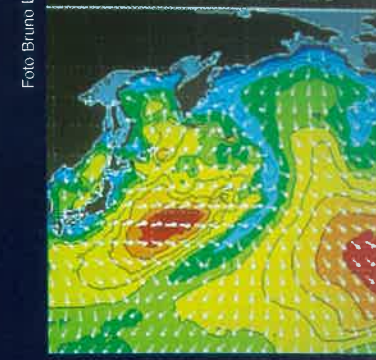


Foto Bruno Lemos

Sem sombra de dúvida, essa foi uma temporada caracterizada pela grande frequência de swells grandes. Quase toda semana uma nova "high surf warning" entrava em efeito. Isso geralmente acontece quando as ondas passam dos 20 pés. Normalmente, quando o mar sobe, ouve-se um "high surf advisory", utilizado no caso de as ondas atingirem de 12 a 15 pés. Mas esse ano o que mais se ouviu foi "high surf warning".

Guilherme Herdy em Rocky Point



na Pirata em Off The Wall
r. Jihad Kohdr em Rocky Point



Foto Bruno Lemos

Começando logo cedo, em novembro, mais precisamente no dia 26, um grande swell atingiu o arquipélago havaiano – para a alegria dos bigwave-riders. Parte da elite se deslocou para a ilha de Maui, onde, escondida atrás das plantações de abacaxi, se encontra uma das ondas mais pesadas do planeta: Jaws, uma onda linda... Vista do cliff pode parecer até fácil... talvez pela sua incrível perfeição. Mas na verdade essa não é para qualquer um... Preparo físico, atitude mental e principalmente muito surf de onda grande no pé são requisitos básicos para surfar esse pico. Além disso, uma boa prancha de tow-in, um jet-ski e um parceiro casca-grossa para salva-lo na hora em que o caldeirão ferver... Se realmente você conseguir reunir todos esses elementos, terá boa chance em desafiar a besta... só lhe sugeriria mais uma coisa, faça um seguro de

vida... pois realmente, quando estiver surfando, essa onda estará colocando sua vida em risco... Mais ou menos como se diz naquela música do Aerosmith ... "Living on The edge".

Jaws clássico! Foi no dia 26 de novembro que rolou um dos maiores Jaws da história, em que ondas de quase 60 pés de face, quebrando perfeitas para os dois lados, fizeram a alegria dos que estavam presentes. Entre eles, sem ski, Rodrigo Resende, que boiou no canal durante quase a manhã inteira, até que Carlos Burle se comoveu e colocou o monstro em uma morra onde Resende mostrou toda a sua categoria de campeão mundial de tow-in, passando por dentro de um considerável tubo... Posso até imaginar o comentário de Rodrigo para Burle depois

dessa onda: "Valeu, Burle! Mas me boia numa maior e mais deep, por favor". Posso até estar enganado, talvez não tenha sido isso que ele falou, mas com certeza foi o que aconteceu... Burle colocou o monstro numa onda gigante, e bem fundo... onde, depois de completar talvez um dos maiores drops de sua carreira, Rodrigo, sem chances de virar na base, foi literalmente engolido... e deve ter tomado um dos maiores caldos de sua vida, pois, depois de ser resgatado pelo amigão, não voltou mais a surfar. Nesse mesmo dia, Kelly Slater foi visto surfando pela primeira vez em Jaws, e Garret Mcnamara pegou o que



Phantoms



Pipeline

"We're living on the edge..."

estão estimando como o maior tubo da história. Outros brasileiros também colocaram o "corpinho no jogo". Durante o dia, a dupla Burle e Heraldo mostrou estar bem à vontade com a bancada, pois fazia uma linha segura e bonita... O paulista Sylvio Mancusi, que não perde um swell em Peahi já há dois anos, também foi adotado pela dupla pernambucana, que, para a alegria de Sylvio, conseguiu surfar nesse dia histórico. João Maurício Jabour e Everaldo Pato foram dos primeiros a surfar nessa manhã, mas, depois de estourar o joelho surfando uma esquerda, Pato teve que ser levado às pressas para o hospital, acabando com a diversão dos dois... Sem dúvida, Jaws é a bola da vez ou, se preferirem, a "onda da vez". Tudo isso graças a Laird Hamilton e sua gangue, que praticamente descobriram o pico e inventaram uma maneira de surfar essa onda, que geralmente não se surfa remando... Mas não acredito que Laird esteja satisfeito com toda essa evidência em cima do seu pico favorito. Apesar de ter prioridade absoluta nas maiores ondas, ele há alguns anos surfava sozinho, no máximo junto de poucos amigos. Hoje em dia, é fácil contar pelo menos 10 duplas circulando no outside, muitas delas apenas treinando e tentando se manter em forma para a recém-criada Tow-in World Cup, que é o maior campeonato de surf da atualidade. Pois, além de ser realizado na maior e melhor onda do planeta, oferece a maior premiação no meio do surf, US\$100.000 para a dupla vencedora. Esse evento entrou para a história já na sua primeira versão, durante o ano passado, quando o brasileiro

Rodrigo Resende, juntamente com o havaiano Garret Mcnamara, venceu a dramática competição, que é uma realização brasileira, dos Estúdios Mega, organizada pela dupla de cariocas Jorge "Joinha" Guimarães e Rosaldo Cavalcante. Este ano, a competição ainda estava em "stand by", à espera de um swell de 25 pés, mas em janeiro houve uma expression session, em que foram oferecidos US\$ 10.000 em premiação para a nova dupla, formada por Garret Mcnamara e Ikaika Kalama. Eles faturaram as categorias de melhor tubo e melhor performance, ficando Dan Moore, ex-parceiro de Ken Bradshaw, com a de melhor onda... Não podemos deixar de ressaltar a performance de Mani Carabelo durante a expression session, em que se apresentou com uma prancha de foil, que é mais uma adaptação de Laird Hamilton para o surf. O foil é basicamente uma prancha de wakeboard montada numa quilha de alumínio, que, quando atinge uma certa velocidade, se eleva, ficando somente a quilha sobre a onda e dando a sensação de estar surfando no ar... Difícil de entender, não? Sim, de fato, acho que só vendo para crer. Talvez seja por isso que o cinegrafista Don King resolveu chegar tão perto do Mani enquanto ele se apresentava na expression session, com o seu tapete mágico, e foi literalmente atropelado por Mani, sendo então levado direto para o hospital. Felizmente foi só o susto, pois os ferimentos não foram graves. Essa quilha é bastante afiada e pode dar um prejuízo grande se pegar de jeito. Apesar de o foil ser um esporte relativamente novo, alguns brasileiros já aderiram, entre eles Carlos Burt, Sylvio Mancusi, João Maurício e Pato, mas até hoje o brasileiro que mais impressionou foi o curitibano Victor Marçal, que tem como forte o kitesurf e está residindo nas ilhas há cerca de 10 anos, ganhando a vida como salva-vidas no North Shore. Essa costa, por sinal, ficou bem ocupada durante esse último inverno, quando o número de swells maiores que 20 pés foi bem constante. Principalmente no dia 5 de janeiro, quando uma grande tempestade atingiu as ilhas, trazendo ondas de até 50 pés, mas, para a infelicidade dos big-riders, um forte vento maral fez com que as ondas ficassem insurfáveis. Durante dois dias, a Defesa Civil esteve presente em vários trechos da Kam Hwy, monitorando as freqüentes ondas que invadiam as ruas. Comenta-se que esse foi o maior swell desde 1969, quando a bóia chegou a ler 32 pés a cada 17 segundos. De qualquer forma, não só de grandes ondas vive o North Shore, pois, como diz o ditado, depois da tempestade vem a calmaria... e tudo volta ao normal. Chega a ser bonito ver todos os picos quebrando perfeitos de Haleiwa a Turtle Bay... São várias as opções e tipos de ondas diferentes: para os mais atirados, Pipeline e Sunset; para os conservadores, Rocky Point, Gas Chambers, Laniakea e Haleiwa. A verdade é que, quando o mar está bom, tudo é festa... muito surf... Os melhores meses são de fevereiro a março, quando as ondulações entram mais clean, porém menores, e o vento predominante é o terral... É claro que o ideal é passar a temporada inteira. Mas com o dólar do jeito que está, fica cada vez mais difícil. A não ser que, ao chegar aqui, você consiga um trabalho "under the table", sem pagar taxas nem ter que mostrar documentos. Muitos brasileiros vêm com essa intenção e conseguem empregos em plantações, como jardineiros, por exemplo, ou no swap meet, que é uma espécie de camelódromo ao redor do Aloha Stadium, e a maioria deles trabalha vendendo todo





Teco Padaratz - Rocky Point



Sylvio Mancusi - Back Door

tipo de mercadoria e desmontando as barracas. Outro tipo de emprego bem visado é o de pizza delivery, onde é preciso ter uma drive license e um carro com seguro, mas a gorjeta é boa, sem falar nas pizzas de graça. Claro que existem outros tipos de atividades que geram mais dinheiro, e é lógico que há brasileiros envolvidos aí, mas para isso geralmente é preciso ter um green card ou ser cidadão americano. Por exemplo, ser dono de pousada no North Shore pode ser um bom negócio, uma vez que hotel é raro e caro, e a maioria dos surfistas acaba se amontoando nas poucas pousadas da região. Entre as mais conhecidas estão a pousada Green Forever, em Chun's Reef, gerenciada por Rômulo Fonseca, surfista e técnico da equipe brasileira no WCT, e a pousada do Cesinha, em Vland, tocada pela sua esposa, Kátia Oliveira. A diária fica em torno de 20 a 25 dólares, sem café da manhã. O comércio, principalmente o de mercadorias from Bali, é bastante explorado na ilha. Claudião, Mobral e Cesinha são alguns dos mais antigos do ramo, bem estabelecidos com suas lojas. "Já fui salva-vidas durante muito tempo, mas hoje tenho que garantir o futuro das crianças", exclama Cesinha, se referindo aos seus dois filhos, Kona e Kaimana. Outro que mudou de profissão devido à família foi Marcio Morais. Ele limpava carros, mas agora começou a shapear pranchas e já tem sua própria fábrica, a H1. Marcio garante que está shapeando tão bem quanto os grandes nomes, e tem inclusive o ex-campeão mundial Sunny Garcia como piloto de testes dos seus foguetes. Mas, realmente, muitos brasileiros chegaram aqui para ficar, aproveitando para desfrutar as facilidades da economia americana, e pode-se observar que já existe uma nova geração de brasileiros havaianos, muitos deles filhos de surfistas, que já iniciaram bem cedo no esporte. Prova disso é o tradicional Menehune Contest, realizado em Haleiwa há mais de 20 anos, só para crianças de até 12 anos, onde uma boa porcentagem dos competidores era de ascendência brasileira. O shaper Jorge Vicente, por exemplo, adora levar seus meninos para esse campeonato. "É o único dia do ano em que não trabalho, pois faço questão de estar com eles na praia, inclusive sou um dos patrocinadores do evento. É legal ver a nova geração de brasileiros se misturando com os filhos dos locais", finaliza Vicente apontando para Derek Ho entrando na bateria



Foto Bruno Lemos



Marcelo Nunes - Rocky Point

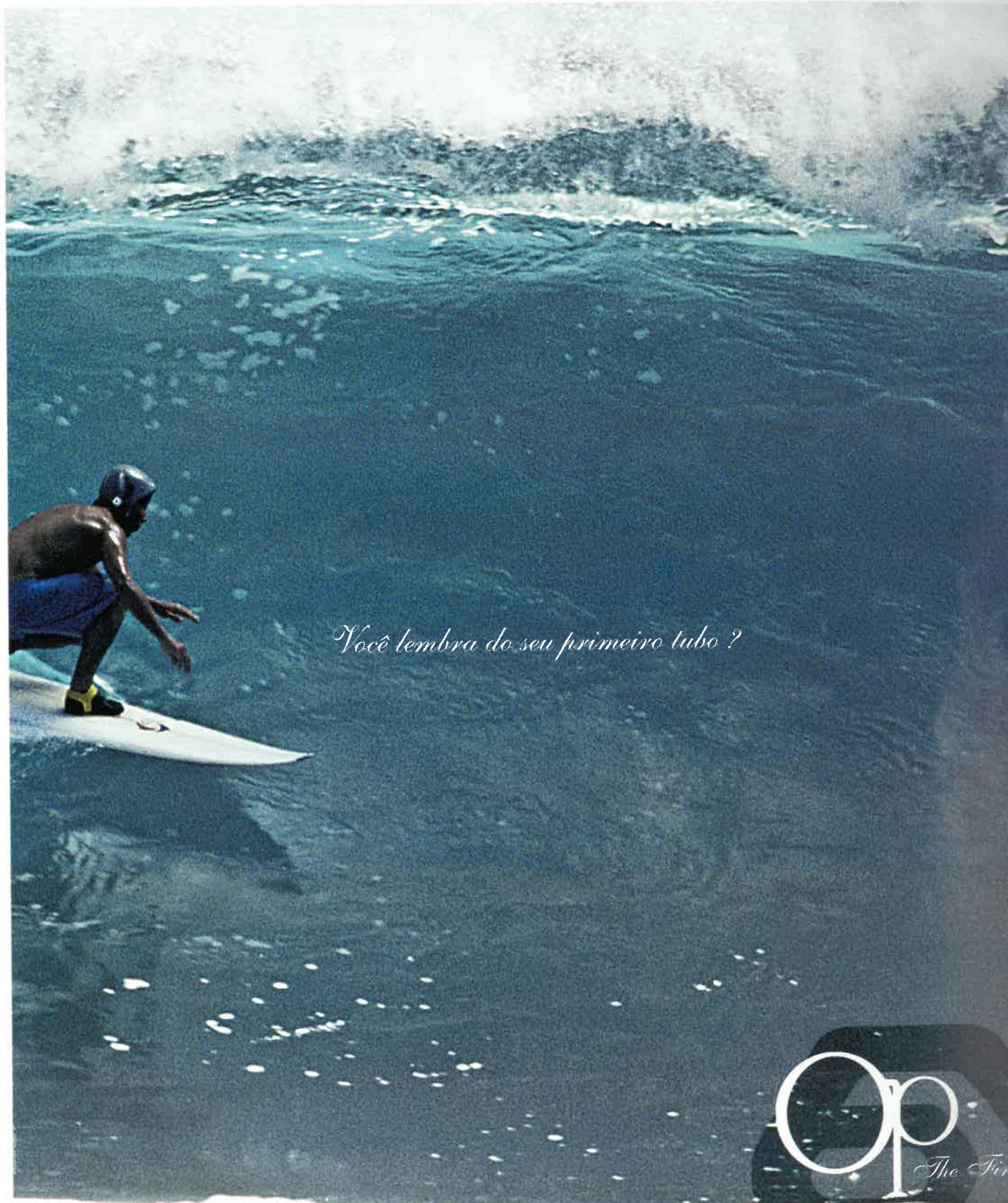


Neco Padaratz em Off The Wall



Waimea Shore Break

com seu filho Makoa. Alguns dos brasileirinhos realmente levam jeito para a coisa, e, caso eles se mantenham firmes no esporte, poderemos ter em breve bons surfistas. Entre estes, os que levam mais jeito são: Moacir de Freitas, Kainoa Yester, Noelani Picollo e Keale Lemos. Quem sabe daí sairá um campeão? Só Deus sabe. E por falar em Deus, não poderíamos deixar de mencionar a inauguração, no Hawaii, da igreja fundada pelo pastor Elizeu Aguiar, depois de ter conhecido a brasileira através do surfista de Cristo Romeu Bruno, que organizava um estudo bíblico toda semana na sua casa, em Off the Wall. A sede da igreja fica no centro de Haleiwa. A maioria dos membros é surfista, e o mais interessante é que o púlpito da igreja é uma prancha de surf, uma 8'10 linda! Realmente, um foguete de botar água na boca de qualquer surfista. Segundo o pastor Amilton Spindola, "essa igreja está sendo ótima para a comunidade brasileira do North Shore, que é um lugar famoso por muitas drogas e bebedeiras. Nossa intenção é levar a palavra de Deus para as pessoas que estão afastadas ou que não a conhecem". O novo pastor está há apenas a 6 meses na direção da igreja. Segundo ele, Deus lhe deu uma visão: "Sonhei que iríamos construir uma bela igreja, toda de vidro, de frente para o mar, com o teto na forma de uma prancha de surf. Um templo lindo para os surfistas adorarem a Deus". Pelo jeito, a comunidade brasileira no Hawaii vai indo bem, e agora, acompanhada por Deus, a tendência é só melhorar... **Amém!**



Você lembra do seu primeiro tubo?

OP
The Firm



Fotos Beto Paes Leme
Texto Beto Paes Leme e Eduardo "Rato" Fernandes

**Esporte inventado na Europa,
foi logo levado para o Hawaii, onde
o windsurfista Robbie Naish
foi o grande responsável por
sua rápida evolução e divulgação**

Um novo vírus está no ar!



KITE

Cuidado! Muita atenção! Um novo vírus está no ar! Especialistas afirmam que surfistas, windsurfistas, voadores e os demais amantes dos esportes de ação são os maiores alvos dessa nova epidemia. Alguns contaminados, como o surfista pernambucano Eduardo Fernandes, o "Rato", alertam para o risco de contaminação em massa em um curto espaço de tempo. Infectado há um ano, Rato já tem experimentado alguns "heart attacks" em sua rotina e avisa: "Estejam atentos, é extremamente contagiante". Brincadeiras à parte, a verdade é que essa "doença" tem nome. Chama-se KITESURF e está se tornando a sensação das praias. Uma prancha, uma pipa em forma de parapente, vento e uma superfície de água.



Pronto, está dada a fórmula da diversão. Como o próprio nome diz, o kitesurf é o surf com pipa ("kite" em inglês). Esporte inventado na Europa, foi logo levado para o Hawaii, onde o windsurferista Robbie Naish foi o grande responsável por sua rápida evolução e divulgação, fazendo com que o kite venha conquistando um grande número de praticantes no mundo, sobretudo no Brasil. O surfista carioca Guilherme Gross, por exemplo, é testemunha desse crescimento. Um dos primeiros brasileiros a experimentar o kitesurf, Gross já começa a explorar outros lugares no Rio para fugir do crowd que já existe no Postinho da Barra da Tijuca. "Em dias de bom vento já contei umas 80 pipas no céu", relembra.

O Postinho é o lugar mais tradicional para a prática do kitesurf na cidade do Rio, mas é comum ver outras pipas voando também no meio da Barra, no Leblon e em Ipanema. "A Região dos Lagos é um dos melhores lugares para velejo do Rio, e sempre que posso vou para lá, especialmente nos dias de crowd", diz Gross.

Essa é também a opinião do surfista potiguar Aldemir Calunga, que até já fez travessias com seu kite nos rios da Amazônia. Calunga vive em Natal e já pratica kitesurf há mais de dois anos. Entre os lugares onde mais gosta de velejar está a região de São Miguel do Gostoso, ao norte de Natal. Segundo ele, a "esquina do Brasil" sempre recebe ventos perfeitos para o kite, e por isso está sendo muito freqüentada por kitesurferistas de todo o Brasil e também de outros países, sobretudo os italianos. "Eles estão comprando muitos terrenos por lá", garante.

Assim como Calunga, Rato está acompanhando e participando do desenvolvimento do kitesurf no Nordeste. Ele é um dos mais contagiados, e já está apostando suas fichas no futuro do esporte. Tanto que montou uma escola em Porto de Galinhas, litoral sul de Pernambuco, e não pára de ver crescer o número de alunos. "Fui contaminado pelo kitesurf porque a sensação que provoca é incrível! Quando você está velejando, é um sentimento de liberdade misturado com adrenalina que fica difícil de descrever. E percebo esse mesmo sentimento nas pessoas que estão praticando, gente que vem do windsurf, pára-queda, vôo livre, wakeboard, skate, etc.... estão todos contaminados!", afirma.

Apesar da empolgação com o kitesurf, tanto Rato quanto Calunga e Gross fazem questão de dizer que não trocaram o surf pelo kite. "Pelo contrário, um completa o outro!"

Sentado de frente para o computador, olho pela janela e vejo as árvores balançando. Esse vento parece que está bom! É, acho que estou sentindo os primeiros sintomas desse vírus...



Kite

Me lembro muito bem do dia em que estava sentado na areia da praia, em frente ao Backdoor (inverno 99/2000), quando chegaram o Burle e o Guilherme Gross me chamando para ir a Maui (espécie de meca do kitesurf) fazer um curso para aprender a praticar kitesurf, e eu prontamente respondi: "Vocês estão loucos! Sair do NorthShore, paraíso das ondas, para ir empinar pipa em Maui, tô fora!". Depois disso, se passaram quase dois anos até que estávamos nas ilhas Mentawai, pegando altas ondas, e Calunga e João Maurício só falavam de kite! Aí eu pensei: "Esses caras estão completamente viciados! Esse tal de kitesurf deve ser bom mesmo, vou ter que experimentar!". Alguns meses depois, resolvi pedir para meu vizinho, que já estava praticando, me ensinar. Aí, depois que você vai a primeira vez, não tem jeito, fica completamente viciado! Foi como se eu estivesse começando a surfar de novo! Senti uma energia tão boa quanto no surf, foi incrível! O Guilherme foi um dos precursores do esporte no Brasil e um dos meus principais incentivadores. "Comecei no kite em janeiro de 2000, em Kailua, no Hawaii. Já havia visto algumas imagens do Robbie Naish em Fidji, dando saltos inacreditáveis, mas nessa época o kite estava engatinhando. Naquela ocasião eu estava aprendendo a velejar de windsurf, mas quando cheguei a Kailua só se falava em kite, e por influência da minha namorada resolvi logo começar. Me vici na primeira decolada. Quando você sente a pipa te puxando pela primeira vez, não entende de onde vem todo aquele power. Na semana seguinte, fui para Maui e levei o Burle, pra gente fazer uma aula com o Maurício Abreu (o primeiro brasileiro que se destacou internacionalmente no esporte, e um dos melhores do mundo). No Brasil quase ninguém tinha kite. Tinha no máximo 10 kitesurfistas, que estavam aprendendo, como eu. Nós fomos as cobaias. Ninguém sabia nada! O kite, para mim, veio como uma salvação. Depois de anos viajando, pegando ondas perfeitas ao redor do mundo, fiquei mal acostumado. Era muito frustrante me deparar com ondas de beach break inconsistentes. Com o kite é diferente: o Brasil está para o kite assim como a Indonésia está para o surf! Mas isso é segredo... O Calunga, além de ter sido o grande responsável pela minha contaminação, mora em Natal, que é um dos melhores lugares para kitesurf do Brasil. Não tinha como não me viciar! "Comecei a praticar o kite no Hawaii, na temporada 2000/2001. Fui incentivado pelo meu amigo Sheena (falecido em 2001) e pelos programas que via na Tv





KITO





KITE

onde os caras estavam voando muito alto e fazendo manobras incríveis. Eu queria sentir toda aquela adrenalina e fazer aquelas manobras também! O kitesurf para mim foi fundamental, me ajudou muito a evoluir como atleta! Com o passar do tempo, fui incentivando a galera do surf a praticar o kite; o próprio Rato, que atualmente faz parte da equipe Naish comigo, foi incentivado por mim. Eu é que apresentei o esporte a ele. Agora estamos trabalhando juntos para difundir o esporte, usando uma didática fácil para os novos adeptos e passando uma idéia de esporte saudável, ecologicamente correto e de fácil aprendizado."

O kitesurf é um esporte que traz uma nova perspectiva para os surfistas, já que as condições ideais para o surf são vento fraco e de preferência terra, e para o kite elas começam a ficar boas quando o vento já está muito forte para o surf. Praticamente um casamento perfeito! Um completa o outro. Além de surfar nas ondas, o kite também pode ser praticado no flat ou em lagoas, proporcionando velejos (pequenas, médias e longas distâncias) e uma infinidade de saltos e manobras dos mais variados tipos e estilos. Atualmente o kitesurf é um dos esportes que mais cresce no mundo. Praticantes de surf, windsurf, skate, snowboard, wakeboard, vôo livre, pára-quedismo, parapente, entre outros, estão todos virando kitemaniacos! E o Brasil tem um enorme potencial para o esporte, bons ventos por todo o litoral, além de diversos lagos e lagoas perfeitos para o kite.

O equipamento é bem compacto e muito simples de montar e desmontar. Existem diversos fabricantes, e uma grande variedade de modelos, níveis de preço e qualidade. É possível comprar um equipamento completo (pipa, barra de comando com linhas, trapézio, prancha, colete, luvas e bomba) desde U\$ 800 (equipamentos usados) até U\$ 2.300 (últimos lançamentos), e um curso com instrutor qualificado custa de R\$ 400 a R\$ 600, com carga horária mínima de 6 horas. É obrigatório fazer um curso para poder manusear o equipamento. Apreendido da maneira correta, o kitesurf não oferece riscos, mas sem conhecer todos os procedimentos de segurança você pode não só se machucar, como machucar outras pessoas! Fique esperto!

Em breve nossas praias e lagoas vão estar repletas de kites voando para todos os lados, e com certeza quem gosta de adrenalina não vai ficar de fora dessa! Boas ondas e bons ventos!

Aloha!



11 6096-
BRASIL

Será que ele está dormindo ou sonhando ?



+Daniks

LUG A CONFECÇÃO OFICIAL DA
"CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURF"





FOTO NO BINÓCULO



Ficar na praia observando o surf alheio pode ser muito mais interessante se você tiver um Binóculo Fotográfico Meade. Além de um bom alcance (8x) ele vem equipado com uma câmera digital com capacidade para até 100 fotos, ou 45 em alta resolução. O melhor de tudo é que essa interessante novidade está com um preço promocional de lançamento: R\$ 870,00 em 3x no cartão, ou seja, mais barato que muitas câmeras digitais (de qualidade ótica inferior) que tem por aí. A Meade Instruments Corp. é uma empresa americana líder mundial na fabricação de telescópios profissionais e está representada no Brasil pela Omnis Lux, que também é representante exclusivo Carl Zeiss. Quem entende de fotografia sabe que essa é uma referência e tanto. Se você se interessou entre em contato com eles pelo telefone (11) 5579 7072 ou pelo e-mail atdo@omnislux.com.br

inferior) que tem por aí. A Meade Instruments Corp. é uma empresa americana líder mundial na fabricação de telescópios profissionais e está representada no Brasil pela Omnis Lux, que também é representante exclusivo Carl Zeiss. Quem entende de fotografia sabe que essa é uma referência e tanto. Se você se interessou entre em contato com eles pelo telefone (11) 5579 7072 ou pelo e-mail atdo@omnislux.com.br

TREINAMENTO EM IBIRAQUERA

O Power Surf Camp, centro de treinamento para surfistas localizado em Ibraquera-SC, é realmente um point diferenciado. Primeiro por contar com um staff altamente qualificado que inclui nomes do gabarito de Romeu Bruno (surfista profissional e salva-vidas durante 12 anos no Hawaii), Paulo Sefton (legendário surfista e um dos primeiros brasileiros a encerrar as ondas havaianas) e Alex Mello (oficial do exército e atleta de corridas de aventura). O local conta com atividades para quem quer aprender a surfar e, também, para os que querem aprimorar a técnica, com cursos de tow-in, salvamento e preparação física.

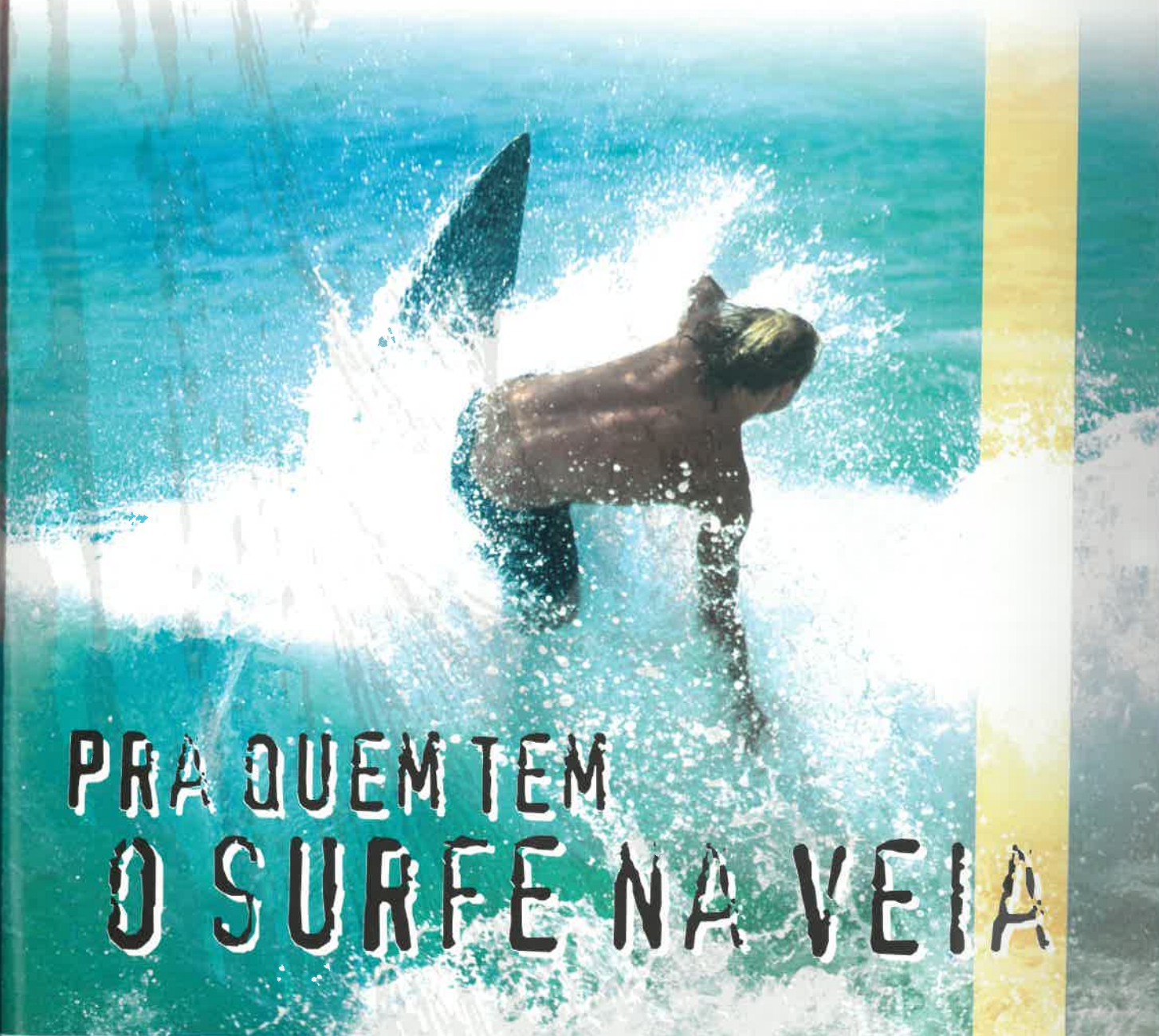
Outro grande diferencial está na infra-estrutura montada para oferecer amplo conforto aos frequentadores. Sem contar que Ibraquera é um desses lugares que nos faz acreditar no paraíso. Quem estiver afim de dropar essa, pode obter informações e fazer sua reserva pelo fone (48) 355 0058 e 355 0243

foto Motaury Porto



Paulo Sefton

PÓS-GRADUAÇÃO EM SURFE E ESPORTES PRATICADOS COM



PRA QUEM TEM O SURFE NA VEIA

ESCOLA DE SURFE | INTEGRAL SURF TRAINING | CURSOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO DE CURTA DURAÇÃO | CLÍNICAS DE ESPORTES COM PRANCHA
UNIMONTE SKATE PARK (A PARTIR DE MAIO)

RUA COMENDADOR MARTINS, 119 - SANTOS SP
CEP: 11015-530 - TEL.: (13) 3222.8890
WWW.UNIMONTE.BR/SITE/UNIPRAN





Surfcósmico

Foto Nilton Barbosa



Taiu campeão brasileiro Itamambuca - 84

Só de estarmos vivos a vida é uma curtição

Por Taiu Bueno

Já faz algum tempo que a minha vida mudou... (para quem não sabe, hoje estou numa cadeira de rodas). Através dessa experiência, fui adquirindo uma perspectiva única e individual da vida, dos acontecimentos, das pessoas. Como todo ser vivo, sinto vontades. Muitas estão fora do meu alcance. Outro dia eu tive uma forte vontade de surfar... Considerando que a parte do Taiu surfista se 'aposentou' em novembro de 1991 - além do surfista, também está temporariamente 'desligado' aquele cara que andava e se virava fazendo tudo sozinho (vida normal) -, para alguém numa situação dessas, até que eu controlo bem as minhas emoções. Conforme o tempo vai passando, a cabeça vai se adaptando. Nem me lembro mais que estou assim, e desencano... só me lembro quando vejo as pessoas que nunca me viram ficarem chocadas ao meu lado, à primeira vista. A vida é uma curtição só de estarmos vivos e nos sentindo bem. As minhas vontades vão se direcionando para um lado 'protecionista' do meu interior, para

não me magoar. Quantas vontades eu já tive que saber abafar e congelar? Todo mundo faz isso. Vou realizando um trabalho autopsicológico, para não me transformar num revoltado, frustrado, infeliz e acabar pirando... É a mesma coisa que você querer voar como um pássaro, ficar com a mais linda, inteligente, chique, educada e rica mulher, pegar um tubo em Jaw's ou Teahupoo como o do Garrett ou do Laird Haminton, ou voar 20 metros de kite... coisas que são somente para poucos. Os normais têm que segurar a onda de 'não poder'... Outro dia, vendo o mar, tive uma imensa vontade de surfar. Eu queria remar, dar joelhinho, boiar no outside... Pensei e tive a vontade com a minha cabeça, mas tive uma sensação de impossibilidade total (física). Impossibilitado de expressar algo que a minha alma sabe o que é... Já num estágio zen de piração, refleti: será que todos aqueles que já se foram e eram surfistas sentem alguma vontade carnal de surfar? Será que é esse mesmo feeling, e então eles também caem na real, que não têm mais corpo e pés para pisar na prancha? Eu, que ainda vivo por aqui, já me acostumei... mas ainda aguardo uma mudança (cura)... Porém, estou tranquilo aqui (enquanto a minha cadeira motorizada estiver boa)... O que for pra ser... será. A grande diferença é que no plano deles (nosso futuro) é puramente energético/espiritual... Não tem os movimentos nem o cérebro nem os sentidos para transformar... Será que rola alguma vontade terrestre lá do além? Tipo da curtição do primeiro escalão daqui? Esportes... sexo... saúde... tecneira... dinheiro... conforto... sirena... amigos... Hawaii... praia... tubo... indo... Saudades e vontades destas vibes boas daqui do nosso mundo...?

Agradeço sempre por estar vivo, apesar de toda a dificuldade... Agradeço aos que me resgataram de dentro da água (Fernando)... aos médicos, amigos pelo apoio... Só me resta falar para vocês: A vida é bela... aproveitem...

ALOHA

TAIU

lulului.com.br



fazendo o base para um futuro melh

Lulului

RUA SABUJI 73
TEL 11 38128015
mandi@mandi.net



MANDI
ROUPA PARA HOMEM
www.mandi.net